



Arlindo VEIGA DOS SANTOS

V Á R I A M A T É R I A

JERONYMO R MATOS
TERESA M MALATIAN ROY

Í N D I C E

- I. "Roubo de Europa" — poema-símbolo
- II. Velas ao Vento
- III. Organização da Igreja pelo mundo
- IV. O essencial e o acidental
- V. Saudação ao Prelado
- VI. Exposição doutrinária
- VII. Falência da democracia republicana
- VIII. Doutrina triste
- IX. Literatura popular ucraniana
- X. Poemas

P Á T R I A - N O V A

C I D A D E D E S . P A U L O

1 9 6 3

Composto e Impresso
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 (Mooca)
Fone: 23-6459 — SÃO PAULO

OBRAS DE A. VEIGA DOS SANTOS

- Totalitários e democráticos na Redenção social do Brasil. 1962.
Idéias que marcham no silêncio. 1962.
Brasil, província d'El-Rei. São Paulo, 1960.
Brasil, província d'El-Rei Edição portuguesa). 1961. Colecção "SCIEN-
TIA IVRIDICA". Livraria Cruz — Braga.
Apelo à mocidade. 1958.
Compreensão de Farias Brito. 1956.
Maurras — defensor da realidade. 1956.
Filosofia política de Sto. Tomás de Aquino, 1956.
Historia de hum amor fingido. 1956.
Organização monárquica do Estado, de Jacques Valdour (tradução e
anotações). 1956.
De Nóbrega e outros patricios. 1955.
O problema operário e a justiça social. 1953.
Sentimentos da Fé e do Império. 1952.
As doutrinas políticas de Farias Brito, por Francisco Elias de Tejada.
Tradução. 1952.
Orgânica patrianovista (em colaboração). 1951.
Santa Maria Magdalena, de Lacordaire (trad.). 1948.
As raízes históricas do patrianovismo. 1946.
Do governo dos príncipes e dos judeus, de Sto. Tomás de Aquino.
Tradução do latim e anotações. 2.ª edição. 1946.
O esperador de bondes. 1944.
A lírica de Luís Gama. 1944.
Brasileiros, às armas! 1943.
Ecos do Redentor. 1942.
Incenso da minha miséria. 1941.
Evocando o passado (em colaboração). 1940.
Jesus, Rei dos Reis (trad.)
Do governo dos príncipes e dos judeus, de Sto. Tomás de Aquino.
Trad. e anotações. 1.ª edição. 1937.
Para a ordem nova. 1933.
Da floresta a Paris, de Maria de Foz. Trad., 1933.
O Século, semanário (redacção principal). 1931-32.
Satanás. 1932.
Contra a corrente. 1931.
Pátria-Nova (d direcção). 1929-33.
O Bibliófilo (d direcção). 1927.
O bálsamo das dores, de Angela Grassi. Trad. 1926.
O Carnaval. 1925.
Amar... e amar depois. 1923.
Os filhos da cabana. 1921-23.
Etc.
Brevemente: — Luís Gama e Inclita Geração Imperial.

TERESA M MALATIAN ROY

VÁRIA MATÉRIA

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

V Á R I A
M A T É R I A

*Do com. feminino
com um genio!*
A. Veiga

7.9.63

PÁTRIA-NOVA

CIDADE DE S. PAULO
1963

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

VÁRIA
MATÉRIA

Handwritten notes in blue ink:
... com ...
...
...
...
...
...

UNIVERSITY OF TORONTO
LIBRARY
1977

"ROUBO DE EUROPA" — POEMA SÍMBOLO

Tornou-se noite para nós, fêz-se para nós trevas o que era dia e claridades na aurora dos tempos, para os nossos primeiros pais, graças à sabedoria decorrente da Revelação Primitiva.

Refugiou-se nos mitos o saber antigo. E os mitos são nocturnos, simbólicos — dédalos profundos de sabedoria escondida — reclamando intuição penetrante, erudições doutíssimas, para desabrocharem em revelações patentes e em pasmosas luminosidades.

Mas que é um mito? Diz-no-lo Mário Untersteiner:

“É mito um narrado religioso, cujos protagonistas são deuses, entes divinos e heróis; decorrem no passado mais longínquo as acções deles: para os helenos, na idade anterior à invasão dórica” (La fisiologia del mito, Milão, Fratelli Bocca, 1945).

Assiste-nos, pois, razão de engrenar o mito na Revelação Primitiva. Sim, porque (esclarece o citado autor), se “o mito não é propriamente religião, porquanto a sua forma definitiva é um narrado, um véu que sobretudo os poetas estenderam sobre a religião”, todavia *“in origine mito e religione erano identici”*. E aí está o como, segundo dissemos, o mito se insere na Revelação Primitiva, dela procedendo por corrupção e desintegração.

Gnoseològicamente falando, com o mito *“delinela-se uma inteligibilidade do mundo que para a mentalidade de um primitivo é totalmente satisfatória, muito mais que para o homem das idades cultas”*. Está ele entre a religião e a metafísica e por isso encara o mundo com um método que *“não se serve das leis do pensamento pelo modo a nós costumeiro”* (Dilthey, *Enleitung in die Geisteswissenschaft*). Sucede, porém, que *“entre o passado mítico e o presente racional se realiza uma espécie de comunhão e continuidade, de maneira tal que se não precisam ainda as idéias de antigo e de moderno”* (M. Untersteiner, op. cit.). E tão preciosa é essa linguagem dos mitos, que nos leva à crença ortodoxa da edênica Idade de Ouro no Comêço da humanidade (Jardim do Eden), ao contrário da idade

áurea e paraísos terrelais futuros das utopias socialistas e comunistas, herdeiras da chicana evolucionista do materialismo.

"On trouve partout, asserta Louis Lallement, l'affirmation d'une unité primitive de l'humanité, la nostalgie d'un âge d'or où les hommes jouissent en paix d'une sagesse universelle surnaturellement révélée à l'aube des jours, constituant le patrimoine original commun des fils d'Adam" (La vocation de l'Occident, La Colombe, Paris, 1947).

O mesmo lemos em W. J. Perry (The growth of Civilization) e outros autores sérios e objectivos.

Inspirou-se António Sardinha em um desses mitos para a produção do seu poema **Roubo de Europa**, publicado em Lisboa no ano de 1931 com um Estudo de Luís de Almeida Braga. Consta de 43 quadras decassilabas de rimas alternadas. O volume foi em tempos oferecido a Pátria-Nova pela Junta Municipal do Pórtio do Integralismo Lusitano, movimento então em plena grandeza e expansão, antes que ciumentas presunções o substituissem por algo que não sabemos se ainda existe.

Pensámos sempre em escrever algumas palavras sobre a luminosa obra do Mestre contra-revolucionário de "ambos os hemisférios" (para usar a expressão de D. Pedro I), propósito esse eternamente adiado. Hoje, porém, contribuindo parcamente na homenagem ao saudoso lidador monárquico, saímos a campo. Verdade que o fazemos meio acanhados, após termos relido o estudo de Almeida Braga. Que mais dizer? Quando um mestre trata de outro Mestre, que poderá produzir de útil um discípulo de ambos? Vá muito embora, colhemos ânimo para a empresa, ao passarmos os olhos por estes períodos do incansável Braga:

— "Se é certo que há artes para as quais a forma conta mais que a matéria, a verdade é que na poesia a matéria é mais preciosa do que a forma, porque é feita de pensamento e de sentimento. Onde não existe nem alto pensamento nem sentimento verdadeiro não há poesia.

Os versos de António Sardinha são a perfeita ilustração do que digo. Se não temesse alongar esta notícia, gostava de insistir sobre O APERTADO LAÇO QUE PRENDE A POESIA DE SARDINHA AOS SEUS ENSAIOS DE HISTÓRIA, DE CRÍTICA E DE FILOSOFIA POLÍTICA (Maiúsculas nossas). Dominado pelo respeito da ordem, que constrói e conserva, ele mesmo publicou o segredo do seu jardim interior, quando, nas páginas liminares de Ao ritmo da Ampulheta, escreveu no tom de quem se confessa: "As nossas campanhas nacionalistas desceram

das Letras à Política, subiram da Acção à atmosfera diáfana das Idéias". Tradição política e tradição literária são anéis da mesma cadeia, reflexos da mesma verdade.

"Cantar foi ainda para Sardinha um modo de servir. Os seus versos são também política, no significado angusto da palavra. Fundador de cidades, seria o título que melhor quadrava à sua ambição.

"A imagem da pátria obstinadamente o acompanha, e ela lhe disciplina a imaginação, lhe ordena a sensibilidade, o leva a emparceirar o sentimento e a razão, segundo o sentido e a forma da nossa índole nacional".

Se assim foi sempre com o insigne Mestre tradicionalista, mais do que nunca é ele dominado pelo sentido político da sua vocação poética em "Roubo de Europa". Amostra-o a própria escolha do mito poemático.

Entre os poetas gregos é Hesíodo quem primeiro nos traz a genealogia de Europa em sua Teogonia, localizando-a entre as Oceânides. Não pertence, porém, a essa o nosso assunto. Refere-se o rapto à filha do rei Agenor Fenício, também chamada Europa, cuja mítica história descreve Moscos Sículo em 162 versos, 10 menos que no poema simbólico de Sardinha. Recompõe Ovídio, nas Metamorfoses, o mito.

Virgem princesa, filha de Agenor, rei da Fenícia, sonha Europa premonitóriamente que a disputem duas terras, duas Damas no sonho, uma a Ásia, outra um continente ignoto. Assusta-se com o presságio. Passeando ela a sua estonteadora beleza pela praia fenícia, morre-se de amor à donzela o divino Zeus que, tomando a forma de touro, um touro de maneiras humanas, a arrebatou do meio das colegas levando-a ao mesmo tempo desventurosa e venturosa mar a dentro para a ilha de Creta, onde Zeus desmascarando-se se lhe revela: — Nada temas: sou Zeus. Amo-te, e é a Creta, ilha onde me criei, que te conduz. Ai te tornarei mãe de nobres filhos que serão todos reis entre os homens.

Desposam-se. Europa foi feliz e teve muitos filhos.

Assim reza o mito. O mito conta o passado e revela o futuro. A sabedoria antiga casa a História com a profecia. Um deus roubou a Europa à Ásia. E podemos dizer que o livro de Gonzague de Reynold, "Qu'est-ce que l'Europe? Formation de l'Europe" (Egloff, Friburgo, et Luf, Paris), desenvolve em termos históricos o mito grego.

E o nosso Sardinha? Ouçamo-lo aedo dos tempos novos:

Roubo de Europa... No azulejo antigo,
ficou memória ingénua desse casa
Juntam-se as aas a chorar consigo
e o mar alonga-se, infinito e raso.

É a cena da praia, quando o touro rapta Europa.

O mar alonga-se, infinito e plano.
Galopa o touro as ondas sem receio.
Onde é que irá, ó grande Padre-Oceano?
Onde é que irá? E donde é que ele veio?

Somos tentados a ver no TOURO de Sardinha o destino a levar a Europa pelos mares. Aonde é que irá? Se ele é o destino de Europa, se roubou Europa à Ásia, que mais há-de fazer senão casar o destino grego de Creta com a vocação romana do Lácio? E, se é Zeus o Touro, só o *Fatum* poderá ter mão nêle e guiá-lo segundo a própria teogonia grega. Foi daí que ele veio. Confirma-se, por conseguinte, "o apertado laço que (segundo Almeida Braga) prende a poesia de Sardinha aos seus ensaios de história, de crítica e de filosofia política." E lá diz, logicamente, o Mestre do Patrianovismo lusitano que, "superior ao nacionalismo peculiar a cada um das pátrias ocidentais, um património mais amplo se levanta, a que é imperioso acudir: — a Latinidade" (*A lareira de Castela*, cap. *Hispanismo e Latinidade*).

Não tem o touro quem no mundo o vença
— ei-lo correndo, atravessando o mar.

E quem pôde acaso dominar a cavalgada assombrosa da cultura e da civilização greco-romana — Touro anfíbio do *Fatum*! — desde o mar Vermelho até os mares escandinavos e saxónicos? "Não tem o touro quem no mundo o vença". Assim realmente se deu, a partir do momento em que ficou superiormente decretado aquilo do verso vergiliano: *Tantae molis erat Romanam condere gentem!*

Estua o Poeta à vista do estranho caso e exclama:

Oh! quem me dera a mim marchar convosco,
atrás do touro mais da sua presa!

É que se contamina da festa representada no azulejo antigo:

Há pássaros soltando mil gorjeios.
E serafins risinhos à mistura
sopram em tubas, regalados, cheios.
Sopram em tubas.
... Dentro da minha, que alma se lamenta,
como as que ficam a chorar na praia!

Assalta-o repentinamente a dúvida:

Mas por que há-de ele lastimar o roubo de Europa como aquelas cegas companheiras, aquelas aias ignorantes do Fado implacável? Não! Fechará os olhos ao mal aparente, fazendo-se solidário do rapto:

E o touro avança. Fecho os olhos. Parto?
Onde é que irei? Mas quem irá comigo?
Ninguém me julgue já vencido, farto,
sem ter descanso, atrás do touro antigo!

Há perfume de rosas no ambiente, flutua no ar uma embaladora canção de Abril. Há uma voz cantando-lhe nas velas. É a voz do Sangue,

— Voz a princípio mansa, como a prece,
mas já depois maior que o vendaval!

E o Touro segue levando Europa pelos mares. Já não há lástimas. Mas ele, o Poeta, português que é, começa a sentir dentro em si a presença do oceano encapelado:

Galopa o touro... Tomba a noite densa...
E já não vejo as aias acenar.
Mas no meu sangue sinto uma presença,
sinto a presença dum revólto mar!

Entra de lusitanizar-se o mito no Sangue e na alma do Poeta, do Vate.

Nada demais o fenómeno poético em que escreveria em *Na feira dos mitos*:

— "Por efeito das suas luzes, nós verificamos que o milagre de Ourique, tão nitidamente gravado em horas difíceis na consciência de Portugal, não seria mais que um "mito", mas um "mito" com o valor social que Georges Sorel atribuiu aos mitos. O mito — diz o filósofo das *Réflexions sur la violence* — é uma expressão de vontades enérgicamente tomadas e não, como a utopia, a tradução subjectiva duma vaga inquietação sentimental. É nos mitos que as aspirações fortemente vincadas da alma colectiva se encarnam e consubstanciam, procurando projectar-se mais ao largo, no tempo e no espaço, cheias do desejo veemente que lhes imprime unidade e duração.

"Assim, não existe na história nenhum povo grande, forte, próspero, no qual não se descubram os sentimentos profundos e activos que se revelam por um ideal, uma religião, um mito, uma fé — escreve Vilfredo Pareto. Todo o povo em quem estes sentimentos se enfraquecem está em via de decadência. Muitos povos pequenos tornaram-se grandes porque tinham fé em si próprios. Um povo que perde essa fé encontra-se próximo da ruína".

Ó Padre-Oceano, quem sou eu, errante?
 Ó grande Avô, por que não vens dizer-mo?
 A flor das águas segue o toiro adiante
 e o mar é sempre tenebroso e êrmo.

Ora, por que Padre-Oceano? Por que Pai-Oceano? Naturalmente, recurso da confusão da teogonia de Hesíodo com o idílio de Moscos. Naquela figura-se-nos Europa como oceânide. Filho lusitano da Europa, tem no Padre-Oceano um grande Avô. Não há resposta às suas perguntas. Debalde inqúire:

De quem será a ânsia que me anima
 e no meu corpo se encarnou por graça?

Não importa o silêncio. Ele vê...

Poema das origens...

Sou vidente,
 de vara de ouro e tripodé sagrada.

Assiste, conseguintemente, às idades pelas quais passa a Europa montada no taurino Zeus. Se não, vejamos:

Avança o toiro...

Amanhecer da Terra.
 Florir da Pedra. Aurora dos Metais.
 Europa! Europa! (E a bruma se descerra!)
 Europa! Europa! Aonde é que tu vais?
 Assim roubada, onde é que vais, Europa?
 ... E o toiro avança..... E sem parar galopa,
 atrás do mar que, irado, se levanta.

Já não há parar mais. Lançada no caminho fatal, realizará plenamente o seu destino dominando todo o mundo antigo.

— epifania bárbara que assume
 as rédeas do poder por tóda a Esfera!
 Engrinaldada, já de facho erguido,
 ó madre antiga dos destinos novos,
**POR ONDE QUER QUE PASSA O TEU VESTIDO
 DEIXA UM REGUEIRO INDÓMITO DE POVOS!**
 E surgem continentes, — maravilhas,
 templos à beira de água, cidadelas...
 E quanto mais parece que te humilhas
 mais tu de eterna glória te constelas!

Nem sempre, contudo, são triunfos. Por vèzes se ergue "um côro imenso, trágico, marinho,... a pretender sustá-lo no caminho!" "Mas não o susta!"

Que são p'ra o toiro êsses confusos brados
 com tanto arder nas pálpebras divinas?!

Sem dúvida, Europa centralizada em Roma que ainda vive algo da divindade primitiva, da religião natural que a sustenta, pode resistir aos assaltos da velha Ásia invasora, portadora de trevas:

E clama a treva... E, altiva, não te pasmas!
 E clama a treva, densa, rugidora...
 Onde é que vais seguida de fantasmas?
 Onde é que vais? Com fúria os Elementos
 querem-te impor a noite primitiva.
 Ó madre antiga dos sorrisos lentos,
 que a tua graça resplandeça viva!

* * *

De A lareira de Castela colhemos esta contribuição mais, para esclarecimento do assunto que nos empolga:

— "Desde que Maurras abriu janelas mais rasgadas no seu nacionalismo, decerto se apercebeu logo que a Latínidade, ainda antes de depurada e vivificada pelo fermento de Cristo, já recebera do gênio hispânico um inolvidável e poderosíssimo esforço."

"De Séneca e Lucano aos imperadores Trajano e Teodósio, é a Península Ibérica que transfunde nas várias camadas de Roma o seu sangue moço e seivoso. A aptidão colonizadora dos seus filhos, séculos depois magnificamente afirmada na criação de mais de vinte nacionalidades americanas, cedo se traduz em Trajano lançando os alicerces da moderna Romênia com colonos levados daqui. E não me parece despropositado lembrar que o povo romeno possui no seu idioma um vocábulo, — dor, que, sendo inexprimível, só é comparável à nossa saudade ("Je n'ai trouvé le presque équivalent que dans la langue de nos frères portugais, la saudade", — diz a poetisa romena Adrio Val na sua conferência Poètes Roumains)".

E ainda voltaremos ao tema, por força da necessidade.

Há algo que faz com que a Europa seja Europa, diversa de todos os continentes.

Herdeira do espírito grego, o qual por sua vez condensou em si todo o melhor do mundo antigo, transculturou-se no feitio político e pragmático do romano, formando a alma do Ocidente. Diríamos ter Roma ensinado os povos a viver de certo modo ecumênicamente, em grande estilo, e dessarte preparou o terreno à ecumenicidade católica. Isso, porém, não se deu sem reacção dos velhos demônios:

Protestam as origens dominadas,
mas tu, Europa, vence-lhe o tumulto,
tão doce e frágil como as alvóradadas,
cheia no entanto, dum poder oculto!

Esvaziou-se o Céu dos deuses antigos: *Novus ab integro saeculorum nascitur ordo*, prenunciava Vergílio nas églogas ecoando a Sibila de Cumas. Daí,

Morreu o toiro... Onde é que estão as aias?
Onde ficaram, tristes, acenando?
Morreu o toiro... Avanças, não desmaias
e é bem maior a força do teu mando.

A Zeus sucede Deus. Cumpre-se a vocação cristã e apostólica da Europa.

Já baptizada, quis-te Deus p'ra filha,
traçou-te Deus caminhos imortais.
E vê, Europa: — a tua glória brilha
por sobre a escuridão e os vendavais!

Conquista para Cristo o mundo do Volga, de Cartago e do Nilo, após integrada na Cristandade que explodiu em fúria santa nas catacumbas.

Levas contigo o lábaro de Cristo,
por Cristo reinarás no mundo inteiro!
Ó madre antiga, a que milagre assisto,
— milagre sem segundo nem primeiro!

E não bastava. Esperavam a unção da Graça povos adustos, remotíssimos. E eis que, na Hispânia dos gloriosos Antoninos, luzeiros áureos de Roma, o criancil condado portugalense, novo Lácio e Europa nova, faz-se maior, faz-se Portugal, cavalga os toiros das imperiais caravelas e naus missionárias e, seguido da irmã Castela, alarga a Hispânia mares em fora e, com esta, a Latinidade e a Cristandade. E di-lo o Poeta:

Sózinha, nos penhascos do Ocidente,
ouvindo ao mar o impeto brutal,
pariste longa e dolorosamente
um moço a quem chamaste Portugal.
Varão de esforçadíssima linhagem,
o olhar bolando em não sei que de etéreo,
não temas, ó Europa, que te ultrajem,
já tens quem te dilate a Fé e o Império!

Tornemos finalmente à densa obra *A lareira de Castela*, para justificar o poema e fazer honra à assertiva de Almeida Braga:

— “Triunfa o cristianismo na Península e a feição católica do gênio hispânico reveste-se de tal universalidade que nós quase podemos asseverar ser o hispanismo, depois do catolicismo, a base fundamental do conceito de Latinidade. Na Idade Média, não só salvámos a civilização dominando o crescer da onda maometana, como transmitimos à restante Europa o que do Oriente viera até à Península em aquisições de cultura por intermédio das escolas e dos filósofos árabes. Os trabalhos recentes do professor Asin Palacios ensinam-nos como Sto. Tomás e como Dante foram intelectualmente nossos tributários.

“Sucedem-se as Descobertas e com elas uma nova dilatação da Cristandade, trazendo-se à ciência novos horizontes e novas soluções. Sem reserva e sem desprimor, nessa hora máxima da história, que Charles Maurras continua adornando com o falso prestígio da Renascença, enquanto os portugueses na Índia feriam o Islamismo pelas costas, impedindo o seu avanço ao coração da Europa Central e Carlos V limpava de piratas, com a nossa colaboração, o antigo mar latino, e defendia a Igreja dos assaltos da reforma, — em França, Francisco I não hesitava em se aliar ao turco e em pactuar com o protestantismo.

“Por isso nós merecemos um Camões — intérprete supremo da consciência culta e religiosa daquela época, ao passo que a França, discípula, — acentue-se, — dos nossos humanistas, se contentava consigo própria escutando o diálogo de Ronsard com as Musas à sombra da vinha de mestre Horácio”.

Justo é, pois, concluirmos que

“o gênio hispânico nas suas duas metades inseparáveis, — Portugal e Castela — constitui, na verdade, pelo carácter universal da sua vocação histórica, a coluna dorsal da Latinidade”.

Ela porém que perde a Europa o seu touro antigo. Despreza o seu mito e o misticismo que o baptizou em Cristo. Daí nasce aquela dualidade, acentuada pelo caríssimo amigo, o douto mestre salmantino Francisco Elias de Tejada, que envolve uma dolorosa oposição: Europa contra Hispânia.

Esvaziada a trega Europa de todo o conteúdo cultural e católico que a identificava no caos espiritual do universo, fêz-se herege contra si mesma. Ficou nas mãos das Espanhas fiéis o facho do legítimo europeísmo, agora acolitadas pela América Hispânica ou Luso-Ibérica e suas outras parcelas dispersas em África, Ásia e Oceânia.

Canta desalentado o Vate:

E sigo-te as pisadas, madre Europa,
mal reprimindo um grito em minha boca.
Não é agora o touro quem galopa,
— és tu que vais em cavalgada louca!

Pois novamente o caos tumultuário
tenta apagar os dons que tu semeias...
Ó madre antiga, embora no Calvário,
não passes o teu facho a mãos alheias.

Europa, onde é que estás, que não te vejo?
Que perdição sem rumo te conduz?

Dominam as "origens dominadas". Quer a Ásia reaver a dama raptada. Aquela que abandonou a Deus nem é mais capaz de voltar a Zeus e os seus deuses mortos. Péssima a corrupção do óptimo. Tornada pagã, é a Europa pior do que os pagãos que nunca se converteram. Quer manter-se e não pode:

Abalas a correr de facho erguido
— facho que oscila e já não pode mais!

Perdeu a alma, perdeu o fogo interior que Jesus veio trazer à terra.

Onde ficou o lábaro de Cristo?
Onde deixaste, Europa, a tua flama?

Como poderá sem Cristo, sem cristãos, permanecer a civilização cristã?

Será ela apenas um nome, um vocábulo, um sópro de voz?

E o poema termina com uma súplica do Poeta do Reino Fidelíssimo:

Eis novamente o caos tumultuário
negando os claros dons que tu semeias...
Ó madre antiga, embora no Calvário,
não passes o teu facho a mãos alheias.

Janeiro de 1952.

VELAS AO VENTO

CARTA-PREFÁCIO

(Para o livro "Meridiano 175.º E", de Glady Félix Del Buono Trama)

Meu caro GLADY

1. Creio ter nascido com você o amor das viagens. Só das viagens? Quiçá também das aventuras. Costuma fazer-nos das suas a magia incontrastável do ambiente brasileiro, persistentemente lusiada pela raça, pela cultura e por uma osmose misteriosa da tradição, da geografia e das almas, resultando naquela luso-tropicalidade descoberta sociologicamente por Gilberto Freyre; daí a sua personalidade curiosa de terras e mares distantes, de ares distantes.

Lembra-se acaso das suas matinais pesquisas náuticas nas geografias e atlas? Talvez assim tivesse outrora feito em menino o nosso portentoso Infante Dom Henrique. Quem sabe?

Poder-se-ia igualmente ter metido lá no fundo de seu ser algo dos vênets, dos velhos Polos viajadores, conterrâneos de sua saudosa avó paterna, empurrando-o para os mares "nunca dantes nevegados." Tudo isso é bem possível.

Seja lá, porém, qual fôr a profundíssima razão psíquica da sua insopitável gana de viajar, facto inegável é que acalentava você um sonho maravilhoso: aquê de ir ter ao extremo sul do Oriente (frase complicada!) em visita à Nova Zelândia, após os ensalozinhos das excursões pela nossa provincia e outras mais, coroados com aquela, já mais ambiciosa, aos Estados- Unidos.

...

2. Poderia alguém, que não eu, intrigar-se com a sua escolha esquisita: o Oriente. Ora! não seria atavismo, êsse intruso perseguidor das gerações dos homens, negado pelos sabidos de fancaria? Castelos viageiros no ar, criam-nos quase todos objectivando a

Europa, ou, barateando o interesse, se contentam com Tio Sam ou com a Argentina a um pulinho daqui.

Você, ao revés de tantos, demanda para os mares do Sul e para a legendária terra do Sol Nascente, o nobre Cipango dos nossos avoengos, derivando ansioso à margem da cortina de bambu materialista chantadora de zonas proibidas em parte imensa dos países "pacíficos", quer dizer do Oceano Pacífico.

Lá andamos nós há séculos, por todos os meandros, nas pessoas aventureiras e plásticas dos nossos antepassados. E você, sem tirte nem guarte, abalou-se para caminhos tais a ver se aprovava o gosto excêntrico dos avós. E parece-me que aprovou. Seguiram-no invisíveis, indubitavelmente, os espíritos dos Mendes Pinto, dos Covilhães, dos Almeidas, Albuquerque e Castros, dos Xavier, dos Camões e outros quejandos malucos, desejável companhia para você.

Há mais, no entanto.

É a viagem um prazer, uma experiência individual apenas, caso não produza (como às vezes só) uma valiosa peça de literatura, um relatório vivo, humano, documento precioso, especialmente para os privados da ventura de igual aventura, tão cara...

Dado, porém, dela resulte uma obra de Heródoto sobre o Egípto, uma Política de Aristóteles, uma Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, uma narrativa de Marco Polo, uma Viagem sentimental de Sterne, uns volumes como os de Saint-Hilaire a respeito do Brasil, e outros por aí afora, então já constitui um património cultural de qualquer povo ou, até, da humanidade toda.

...

3. E não fique aí pasmado com o que vou dizendo ao correr da máquina. Não se trata de provocação nem concurso de relatórios. Cada estilo é cada alma. Você escreveu e multíssimo bem o que viu, o que sentiu. Você viu, anotou e observou bastante. Há muito, nessas viagens pelo mundo de Deus, há muita coisa que se pode obter consultando comodamente, a bordo e nos hotéis, os boletins turísticos, as publicações locais referentes às regiões visitadas. Isso, porém, é sem vida, sem nervos, chatamente enfadonho.

Você soube fugir-lhe. Claro que, tratando dos problemas dos vários países percorridos, não se poderiam "inventar" estatísticas, somente para escapar à informação estratificada.

Conseguiu você, evidentissimamente, viver comunicativo a sua viagem como homem, como jovem, como professor, como brasileiro, como humano, como psicólogo, como estudioso e, até, como geógrafo, desportista e... como sentimental.

Homem cordial (bom brasileiro de cordialíssimas heranças), foi conquistando amizades masculinas e femininas já a bordo, no que por certo fez ótima propaganda da sua brasilidade. Hável, expe-

dito, prático no que comporta demonstrar-se em meio à lufa-lufa tremenda das mudanças de transportes, com cargas e maletas, nas trocas monetárias, nas trapalhadas de negociações em língua cifrada, nas burocracias torturantes de visas, etc., etc...

Até o encontro com um "patricio" português a bordo (nas estranhas, brasileiro e português são patricios, e está certo) teve significação simbólica, pois houve momento em que a "nossa" solidariedade lusitana no mundo o fez passar como qualquer lisboeta em face de um afro-luso...

Agora eu me pergunto: ante a sua psicologia (de você) amical e candente, o que andarão acolá pensando todos esses indivíduos tão diversos deparados em sua excursão deliciosa?

Viagem — encontro de mentalidades e psicologias encontradas ou desencontradas; experiência valiosa para apóstolos, artistas, mestres, estudiosos, historiadores, escritores, poetas e estadistas; viagens — tentação para os malvados e lição para os aprendizes de perfeição. Razão havia naquele gozado tipo inglês que o advertia do "perigo" de a bordo acabar ficando noivo de alguém... sem querer! Bom psicólogo.

4. Se "o problema maior do século XX será talvez (entre tantos outros dalguma importância também, reconheço) o das relações do Oriente e Ocidente" (René Grousset, *L'Homme et son histoire*, Libr. Plon, Paris), está magnificamente exemplificado por você — neo-lusitano ou luso-tropical) — como é que se cimentam relações, humana, desinteressada e sólidamente, segundo acredito!

Tanto isso é verdade que você andou semeando saudades por toda a vastidão oriental onde calcou os pés em conveses ou solos. Define-se o seu itinerário qual lançamento de imensa fita estendida à maneira de cabos-telegráficos passando dos navios aos portos e destes às ruas, alamedas, repartições, parques, zoológicos, residências, teatros, cinemas, restaurantes, e mais, e mais, num emaranhado confusíssimo de aranhos, e do qual nunca mais você poderá desvencilhar-se. Nesse aranhão surpreendem-se variegados rostos e situações variegadas: europeus, africanos, japoneses, euro-ocênicos, eurásicos... que sei lá! Os e as que ficaram na África, em Cingapura, em "nossa" Macau, em Hong-Kong, tal a interessante Irene; depois, as amizades, mais sólidas talvez, do Japão fidalgo, servindo de ponto de "refresco" em linguagem náutica antiga), antes do grande salto para a Nova Zelândia — derradeiro destino...

Em toda parte encontrar homens, homens, sempre homens (e mulheres, costelas deles, inseparáveis!) de variadas raças, essencialmente os mesmos... Bela aventura! bela experiência nova de coisa tão velha, de verdade tão arcaica! E entender-se bem com todos, aí é que vai maravilha. Autêntica, genuína propaganda da possível PAX LUSITANA, PAX BRASILIENSIS!

Sucede, todavia, que nem todos poderiam ter essa liberdade de locomoção e franqueza em certas zonas dúbias... por exemplo na União Sul-Africana, onde os homens-de-côr — dois terços do mundo — padecem restrições odiosíssimas. Cumpriria ter cara branca para gozar de carta branca.

5. E aqui vem a propósito recordar as muitas observações feitas por você, meu caro Glady, no decurso da "viagem" realizada por mim nas suas duzentas e setenta folhas dactilografadas; entre elas, a situação diminuída dos homens não brancos naquele país do Commonwealth, como os compreensíveis debates ou alegações dos viajantes sul-africanos. Problemas do mundo moderno, por resolver...

Em viajando um filho do Brasil ou Portugal por aquelas paragens orientais (uma vez que conheça uma pouca história) está forçosamente recordando a gesta dos antepassados, seu arrôjo intrépido, sua alta ciência náutica, sua simpatia entre os autóctones, suas dores, glórias, assombros, alegrias e tristezas. Caravelas e naus, mundos solitários de almas loucas perdidas no mundo remoto, sem telégrafos, sem rádios, sem S. O. S., sem socorro. Foram eles os primeiros europeus a afrontar a estranha e fascinante natureza daquelas plagas remotas. Foram outrossim os primeiros a ensinar os povos a bem se entenderem apesar da diversidade antropológica.

Para isso, você teve olhos atentos.

Tempo houvesse, e mais preciosidades você nos fotografaria daqueles mundos peregrinos.

6. Basta. Vigília do término, fica para trás a Austrália.

Nova Zelândia era a finalidade última da romagem.

Lá o esperaria com certeza a antiga menina-correspondente, agora senhora casada. Enid, a Fada encantadora que lhe apresentaria venturosa um país de fadas, admirável, diferente, único.

Por toda parte, o pascor do gado pacífico nas pastagens verdes e macias e o referver vulcânico dos géiseres fumegantes.

Ancorada, como duas naus ditosas, sobre mares bravios e inquietos, irradiava encantos feiticeiros a terra dos maoris a que os Ingêses se juntaram em paz construtiva após lutas aspérrimas.

Eis a felicidade indizível da realização de um sonho sublime architectado longe, bem longe, nos trópicos, sob os céus luminosos e incandescentes da Terra de Santa Cruz.

Está cumprido o sonho do menino-moço.

Atrás e adiante, lembranças, recordações, saudades; esperanças de volta, de reencontro, de novos passeios, novos abraços amigos, tertúlias novas pelas encruzilhadas de todos os mares incertos.

Lenços agitados, olhos úmidos e mãos nervosas dizendo adeus sem esperanças, ou propiciadores até-à-vista.

Almas e corações que, de longe vindos, se compreenderam humana e cristãmente. Almas e corações de "um mundo só".

Isto é a sua Peregrinação, isto a sua viagem.

Isto o seu livro.

10 de março de 1958

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA PELO MUNDO

1. "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. Desde o princípio estava Ele em Deus. Tudo foi criado por meio d'Ele, e sem Ele nada se fez do que está feito. N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandeceu nas trevas, mas as trevas não a compreenderam".

Assim inicia o seu Evangelho o discípulo amado de Jesus, um dos ardorosos Boanerges, o confidente virginal do coração humano e divino do Mestre.

Escrevendo num meio helenizado, não se dedignou o privilegiado apóstolo de recorrer à sabedoria grega para entrar fulgurantemente nos arcanos maravilhosos da Trindade Santíssima:

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος In principio erat Verbum.

No princípio, isto é antes que as coisas visíveis tódas fóssem, o VERBO (2.a pessoa da SS. Trindade) ERA, em Deus, isto é na substância divina (que o verbo *estar* não exprime com propriedade); e o Verbo era Deus, por essência como o Padre Eterno e o Espírito-Santo Paráclito. Desde o princípio, insiste o evangelista, estava Ele (erat) em Deus. E depois: Tudo foi criado por meio d'Ele (per ipsum), sem exceptuar nada.

Mas por que, se ainda não existia o homem, assera o Evangelista que n'Ele, quer dizer no Logos, no Verbo, estava a vida que era a luz dos homens?

Em verdade, se nos depara aqui inefável maravilha: dar como sendo o que ainda haveria de ser; dar como acto aquilo que era vazia potência; dar como presente na eternidade o que para longe haveria ainda de ser no tempo.

Vamos adiante. E a luz resplandeceu nas trevas, mas as trevas não a compreenderam. Pois como poderiam as trevas compreender a luz, se, em aparecendo esta em seu fulgor, já as trevas não existem?

2. Faz paridade com esse texto joanino aquêle elóquio escritural aplicado litúrgicamente a Maria e que tentel recompor em versos irregulares como segue:

Criou-me Deus no início dos seus planos,
antes das suas obras mais antigas.
Antes dos abismos dos anos
e da terra fui estabelecida.
Não eram ainda os abismos nem as fontes jorrantes
e eu já era concebida.
Concebida eu era não chantadas as montanhas,
e das colinas antes.
Nem terras, nem campos, nem rios, nem elementos,
nem o eixo do mundo,
e eu era. Quando firmava Ele os céus,
eu era presente.
Quando punha invioláveis limites
às abismais voragens;
em condensando o ar nas alturas
e equilibrando as fontes dos bátratos;
ao impor leis ao mar e às águas
e consolidar os fundamentos da terra,
eu estava com Ele inspiradora
fazendo-Lhe as delicias diuturnamente,
gozando-Lhe da presença,
recreando-me no globo terreal
e deleitando-me com estar entre os filhos dos homens.
Ouvi-me, agora, filhos: Bem-aventurados aquêles
que os meus caminhos guardam!
Instruí-vos da sabedoria,
nem a rejeiteis. Feliz quem dia a dia
vela, tendo-me ouvido,
às minhas portas e ombreiras.
Quem me achar achou a vida
e logrará a mercê do Senhor.

Ajustam-se perfeitamente o prólogo evangélico e a alocução litúrgica da festa da Imaculada Conceição. E, não fóra a infalibilidade de Pedro que nos bastaria para firmar e afirmar o dogma da Conceição Imácua, quis a mesma celestial Senhora vir a confirmá-la, por amor, em Lurdes, há cem anos.

E, pois, na mente divina, tudo quanto seria já era.

3. No princípio criou Deus o céu e a terra. Gen., 1, 1.

Como no texto de São João, temos novamente aqui, no Génesis, a expressão "no princípio". Não se trata, porém, do mesmo sentido, porquanto no primeiro caso estamos na eternidade e aqui já defrontamos o tempo que começa, que "principla", como bem nos lembra o Padre F. Ceuppens OP: "In principio. Omne initium, secundum sensum proprium, est temporale. Unde Deus simul cum tempore caelum et terram creavit, et in tempore ordinem in omnibus visibilibus, a

massa chaotica ad hominem produxit" (Quaestiones selectae ex historia primaeva, Marietti, Turim e Roma).

4. Um texto ainda: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança". Génesis. Depois, dizendo Deus não ser bom estar o homem só, criou a mulher. E assim foi criada a Família. E com a Família a Sociedade.

Pecou, todavia, o homem; pecou de orgulho (e não contra a castidade como fantasiavam muitos); pecou de soberba, querendo ser igual a Deus, concededor do bem e do mal, conforme lhe insinuara pérfido o demônio. E aquêle que a uma felicidade permanente e sempiterna se destinara tornou-se pasto infeliz de todos os abutres feros do sofrimento e da dor. Tornou-se deserdado do Céu e da amizade divina.

E, agravada descomunal e malícia humana, veio o Dilúvio, tamanha avultara a corrupção que do homem tivera domínio, tornando-o inapto para a recuperação. Não quis Deus, no entanto, destruir totalmente da face da terra a quem era sua imagem e semelhança entre os outros seres.

Salvou-se misericordiosamente na pessoa justa de Noé e sua família a humanidade. Foi uma verdadeira re-criação do homem que se deu. Nasceu a nova sociedade a partir dos seus três filhos: Sem, Cam e Jafet, pais de toda a humanidade actual.

5. A despeito do pecado original, não sofreu Deus deixar órfão o homem.

Ofereceu-Se o Verbo, o Logos, segunda pessoa da SS. Trindade, para redimir o género humano do crime inexplável. Divina invenção era essa (abismo insondável de amor prestes a transformar em "feliz" o que era apenas "culpa"), pois de maneira nenhuma poderia a paupérrima pessoa humana, ente mísero baldo de essência própria, satisfazer pelo pecado à justiça divina. Sômente alguém que fosse Deus e assumisse a natureza humana com suas fragilidades e limitações congénitas poderia restabelecer a ordem violada.

E cabe aqui, agora, a resposta à pergunta anteriormente feita aos textos citados: Mas por que, — interrogávamos — se ainda não existia o homem, diz o Evangelista que n'Ele, quer dizer no Logos, no Verbo, estava a vida que era a luz dos homens?"

Justamente porque, assim como o pecado original — morte da alma — os haveria privado da amizade divina, também a expiação espontânea do Verbo seria a vida e a luz dos homens, pois com vida e luz era caminho e verdade (via, veritas et vita). E, uma vez que ao Artífice supremo da Redenção viria necessariamente ligado o instrumento condigno (por vontade divina) dela, reza o texto litúrgico: "Criou-me Deus no início dos seus planos, Antes das suas obras mais antigas". E arremata: "Quem me achar achou a vida. E logrará a mercê do Senhor".

6. Para que tal sucedesse, fôra necessário todo um vasto processo histórico. Primeiro, escolheria Deus (havé) um povo dentre os povos, o hebreu, e através d'ele conservaria o culto legítimo, criando a Igreja Judaica por meio de todas as normas legislativas ditadas a Moisés na geração do deserto.

Assim, protegeu Deus o homem em Noé, escolheu um nação em Abraão, confundida em um Igreja simbólica (a hebréia) em previsão do 2.º e verdadeiro Novo Adão (Cristo Nosso Senhor), cabeça do futuro Corpo Místico, prevista igual e necessariamente a Nova Eva (Nossa Senhora), por condignidade "pela previsão da morte" do Verbo Encarnado. E, para que à humildade da condição social do Pai putativo do Verbo feito carne e da sua Mãe verdadeira fizesse correspondência a dignidade humana e nacional da origem, eram ambos príncipes davidianos.

Valorizando a nossa fraca exposição, eis aqui a maneira como escritor moderno expõe intuitivamente o problema da Redenção:

7. "Como é impossível ao espirito humano apanhar directamente as verdades espirituais, sendo-lhe preciso, para compreendê-las, servir-se de comparações tiradas do mundo material, será permitido, a exemplo do Mestre no Evangelho, usar de uma "parábola" para fazer penetrar o leitor na idéia do plano divino.

"Suponhamos possua uma família magnífico vaso de Sèvres, pura maravilha da melhor época, cujo valor é inestimável. Está este objecto precioso em belo lugar na sala principal e faz a admiração de todos.

"O pai de família, prudentemente, proíbe que o filho toque no vaso, fortuna da casa. Anuncia-lhe até mesmo que, se desobedecer, a sua curiosidade será gravemente castigada.

"O rapaz estouvado despreza as ordens do pai. Querendo ver de perto a obra prima e deliciar os amigos, toma-a, olha-a, remexe-a nas mãos, quando, por desgraça, falseando o movimento, a deixa cair. Tomba o vaso pesadamente no solo, e se espatifa em mil pedaços.

"Ao barulho, acorre o pai. Aterrado, contempla o desastre irreparável. Pois, se a quebra foi pronta e fácil, impossível é a reconstituição. Quem, efectivamente, poderia juntar uns aos outros os destroços informes e restituir ao vaso o esplendor?"

"O pai encolerizado repreende o filho. Castiga-o até. Mas a sua justa cólera não recoloca os cacos.

"E, como conclusão final, diz ele aos criados: "Varram esses restos e deem-nos ao lixo..."

8. "A Humanidade era o vaso precioso confiado a Adão que, conta-nos a Escritura, era responsável por ela. Nós, de visão curtíssima, consideramos uma família como um bloco: se o pai é desonrado, são-no com ele a mulher e os filhos. Deus, que vê o conjunto, olhava o gênero humano como um ente único, do qual o seu chefe, Adão, tinha nas mãos a sorte.

"O nosso primeiro pai, com a desobediência, deixa cair o maravilhoso depósito, que se quebra. "Foi quebrada em mil pedaços, diz São Máximo Confessor, a natureza única "(Quaest. ad Thalassium). "Pela desobediência dum só, todos os homens se tornaram pecadores" (Rom., V, 19). Doravante todo homem vem a este mundo como pedaço quebrado. Que podia Deus fazer, em presença desta catástrofe?

"Como o pai de família, teria podido dizer: "Varram e lancem ao lixo". Era a pena eterna.

"Não falou Deus assim.

"Ele, o Artista infinito, que podia restaurar a obra de arte, coisa de que era incapaz o páter-famílias, disse ao contrário: "Recolocarei os cacos".

"E acrescenta: "Refarei um vaso mais lindo que o primeiro, uma humanidade não menos perfeita do que foi a do Paraíso terrestre, porque esses pedaços informes, eu os recolocarei no meu Filho, que, fazendo-Se carne, se tornará chefe da Humanidade. Incorporar-se-ão a Ele e formarão n'Ele um todo esplêndido, uma obra prima divina". Assim é, diz-nos S. Paulo, "que pela obediência de um só, todos os homens serão constituídos justos" (Rom., V, 19).

"Estava decidido o Corpo Místico. Adorável projecto, que permaneceu "segrédo oculto em Deus" até a vinda de Cristo Eph., III, 9).". Vide "Un seul Christ", Abbé Charles Grimaud. Paris, Téqui.

Para isso, desceu o Verbo à mesquinha condição de homem e juntou a Si, como a Cabeça única, todos os membros dispersos do gênero humano, a começar dos judeus, ao depois de haver pago com múltiplos padecimentos culminantes na cruz o pecado dos homens.

9. Compreende-se nesta altura (insistimos) o porquê daquele texto antes aplicado à Virgem Santíssima:

**Criou-me Deus no início dos seus planos,
antes das suas obras mais antigas.**

Se havia o Verbo de ser, com Deus, verdadeiro homem, convinha nascesse como todo homem. E, se tal convinha, manifesta-se

necessária Aquela que a Liturgia nos apresenta na Missa da Imaculada Conceição. Vem ligada grandiosamente à Mulher, de cujas entranhas virgens e sagradas nascesse o Salvador, toda a esperança ardentíssima da vinda do Messias — Nossa Senhora da Esperança! Talvez por isso implicava desonra em Israel, para a mulher, o ser estéril.

Transformada, aliás, em soberba realidade a esperança imensa dos séculos, podemos sintetizar que a Igreja, promulgada no Pentecostes, é um CORPO, logo um todo único, indiviso, concreto e visível, de membros múltiplos e solidários, investidos do poder sagrado embora hierarquizado, vocacionados por inspiração e favor de Deus à mais alta santidade por meio dos sacramentos — canais da Graça — provendo também as necessidades sociais. E assim se dilata o reino de Cristo.

10. "De Cristo" é realmente esse maravilhoso Corpo Místico constituidor da Igreja. Leíamos as palavras mesmas de Pio XII:

— "Temos visto até aqui, Veneráveis Irmãos, que a Igreja pela sua constituição se pode assemelhar a um corpo; segue-se que mostremos mais em particular, por que motivos se deve chamar não um corpo qualquer, mas o Corpo de Jesus Cristo.

"Deduz-se isto do facto que Nosso Senhor é o Fundador, a Cabeça, o Conservador e Salvador deste Corpo Místico.

"Devendo expor brevemente o modo como Cristo fundou o seu Corpo social, acode-Nos antes de mais nada esta sentença de Nosso Predecessor de f.m. Leão XIII: "A Igreja, que já concebida nasceria ao lado do segundo Adão, adormecido na cruz, manifestou-se pela primeira vez à luz do mundo de modo insigne no celeberrimo dia de Pentecostes" (Divinum Illud). De facto o divino Redentor começou a fábrica do templo místico da Igreja, quando na sua pregação ensinou os seus mandamentos; concluiu-a quando glorificado pendeu da cruz; manifestou-a enfim e promulgou-a quando mandou sobre os discípulos visivelmente o Espírito Paráclito" (Mystici Corporis Christi).

A 11. Nimiamente longo seria expormos toda a doutrina do Corpo Místico, apostolicamente ensinada na encíclica de Pio XII, Mestre infalível da Cristandade.

Em todo caso, já se nos afigura suficiente essa exposição pela rama, dada em pobres linhas que tentámos fazer claras.

Era o velho Adão a cabeça da Humanidade. Enfermado ele, todo o gênero humano, seus membros, se arruinou simultaneamente. Substitui-o Nova Cabeça, o Verbo Encarnado em Maria, galvanizando pela

Redenção a Humanidade, Corpo em que ora circulam abundantes e superabundantes todos os dons de Deus, pois a própria Cabeça é divina.

Eis aí o aspecto sobrenatural, místico, da Santa Madre Igreja.

12. Vivendo no tempo, contudo a Igreja não é do tempo. Tende escatologicamente à beatitude celeste.

É sociedade perfeita. Possui todos os meios necessários a atingir o seu fim, é auto-suficiente.

Por necessidade docente, é infalível na pessoa do seu supremo chefe terreno, São Pedro e os seus sucessores — os Romanos Pontífices.

Possui magistério vivo, na plenitude sacerdotal dos Bispos, sucessores dos Apóstolos.

É hierárquica, conforme se patenteia pela instituição dos Apóstolos e dos Bispos seus sucessores, dotados de infalibilidade doutrinal sobre fé e costumes na obediência ao Sumo Pontífice e união com êle.

É sociedade monárquica na pessoa de Pedro e seus sucessores, cuja série total perfeitamente conhecemos sem vácuo algum, dotados de verdadeira autoridade e infalibilidade.

Com a palavra ilustre canonista:

"É a Igreja Católica por instituição divina um reino na terra participante do reino celeste e que dispõe para êle; é escola, na qual existe a cátedra infalível da verdade; é templo, em que se exercita o verdadeiro sacerdócio e verdadeira religião. De facto, é reino: pois o Rei dos reis e Senhor dos senhores, que fundou a própria Igreja, lhe atribuiu a forma manifesta de reino. Pois no estado da lei natural tinha um povo que os Patriarcas governavam; constituiu pai de muitas gerações a Abraão, do qual predisse sairiam reis; enviou Moisés, para retirar do Egipto os filhos de Israel. No estado da lei escrita divina positiva promulgou lei, deu ao seu povo a região da Palestina, e constituiu-lhe um rei conforme os tinham as nações circunvizinhas. Finalmente, no estado da graça, segundo a mensagem dada a Maria pelo Arcanjo Gabriel, devia Jesus ocupar o trono do rei David seu pai (ante-passado), e reinará eternamente na casa de Jacob (S. Lucas, 1), o que pelo profeta Daniel fóra prenunciado, ao afirmar do Filho do homem vindo do céu: Deu-lhe (Deus) o poder, a honra e o reinado... e o seu reino não se corromperá (Daniel, 7). Isto que são decretos do reinado de Cristo e do reino por Cristo instituído em sua Igre-

ja, abertamente se confirma pelo Apóstolo João, que, após atestar ser Jesus Cristo o príncipe dos reis da terra, acrescenta: "Que nos fez o reino e sacerdotes para Deus e seu Pai. (Apoc. 1)". — Summa Institutionum Canoniarum a sac. prof. Iosepho C. Ferrari concinnata. Génova) 1896.

13. Expandindo-se no Império Romano, tomou a Igreja tôdas as formas exteriores do Império para seu estabelecimento temporal, como usaria do veículo da filosofia grega, teste Augustino em relação a Platão e o Aquinatense relativamente a Aristóteles. Graças a isso, na época trágica da derruição do Império com as invasões bárbaricas, foi a máquina eclesiástica a salvadora do Ocidente cristão carente de toda autoridade constituída, no compasso de espera das novas monarquias cristãs como a dos Suevos em Portugal, a de Clóvis em França e outras.

E constituiu-se nesse ritmo toda a estrutura externa da Igreja de Deus.

"Como toda alma comunica directamente com Deus, diz Silvio Negro, o menor núcleo da Igreja é o fiel individual mesmo. A família humana foi redimida por Cristo não porque comunidade infinita, mas como complexo de indivíduos, um só dos quais podia justificar a obra divina da Redenção e a obra apostólica da Igreja. É esta um corpo único e inscindível; só por necessidade de índole prática se subdivide em igrejas particulares ou dioceses; e é pelo mesmo motivo que se repartem estas por sua vez em núcleos menores, isto é paróquias" (L'ordinamento della Chiesa Cattolica, Bompiani Editore).

Atenda-se, contudo, para este passo do mesmo autor: "Como organização humana, o mínimo organismo da Igreja, a verdadeira e própria célula da universalidade católica, é por isso ESTE CENTRO DE CULTO QUE SE CHAMA PARÓQUIA (grifos nossos); um templo e um povo confiados de modo permanente aos cuidados de um sacerdote. É ali que têm os fiéis a sua iniciação religiosa e depois cumprem os deveres da vida cristã, ali são informados dos actos e decisões da autoridade eclesiástica central; geralmente também através da paróquia participam das obras de piedade, de caridade e de apostolado que vão a par da vida religiosa" (Idem, lb.).

Nada mais faria mister dizer para acentuar a importância da Paróquia bem cuidada, como célula donde tudo brota, para a vida da Igreja Universal. Sem paróquias sólidamente formadas e disciplinadas, não há Igreja viva e activa. Para isso, cumpre exista Clero suficiente, adestrado, pio e zeloso, capaz de adestrar e entusiasmar os leigos.

14. É desse núcleo básico que se parte para a Província eclesiástica, diocese, arquidiocese e o Concílio, reunião apenas ocasional.

E acima de todos, por vontade de Cristo (*Tibi dabo claves*), o PAPA, cabeça visível do Reino do Senhor na terra.

O Príncipe da Crisandade é, em Conclave, eleito pelo colégio dos Cardiais, titulares de Igrejas de Roma, embora seja o cardinalato dignidade distribuída por todo o mundo católico.

Junto ao Papa, que tradicional possui também uma Corte, funciona a CÚRIA ROMANA, "conjunto de Dicasterios por meio dos quais o Romano Pontífice governa a Igreja universal. A palavra *dicasterio*, que em grego significa tribunal, designa genericamente os organismos de governo da Santa Sé. Estes organismos são actualmente 11 Congregações, três Tribunais e cinco Offícios. Existem ademais algumas *Comissões Pontificias* permanentemente constituídas, como a Comissão Pontificia encarregada de interpretar autenticamente os cânones, a Comissão *pro re biblica* e a Comissão para a emenda da Bíblia. O mesmo significado de Cúria Romana tem também o nome de Sé Apostólica ou Santa Sé (cânon 7)". — Código de Derecho Canónico y legislación complementaria. Madrid. 1947. Cf. "Codex Juris Canonici", l. b. II, *De personis*.

• • •

16. Essa, em linhas gerais, a organização mundial da Igreja. Evidentemente não cogitámos de arrolamento de todo o pessoal militante: Clero, Ordens Religiosas, Institutos, etc. Nem considerámos os três aspectos do Corpo Místico (Militante, Padecente, Triunfante).

É máquina perfeita, bem ajustada a todos os ambientes humanos e sociais onde milita, a Igreja de Deus.

Congrega, através da sua dinâmica, os indivíduos, as famílias e as colectividades para a actualização no Corpo Místico daqueles que sòmente em potência lhe pertencem, desde os selvagens e outros pagãos, até os cristãos rebeldes, católicos nominais e judeus. Missões, Acção Católica especificada, etc., etc., lutam nessa aspérrima empresa.

Há outrossim vário apostolado por meio das diversas Irmandades particulares, com finalidades específicas, por todo o território santo do Reino de Deus em marcha para a vida eterna.

Actuação ecuménica, pois é necessário e urge caminhar para o ideal: um só rebanho e um só Pastor.

Se não houvera clamorosa apostasia em certos sectores, talvez fòsse de mais rendimento o labor apostólico.

Persiste, entretanto, um grandíssimo escândalo dos últimos séculos, desde pelo menos o século 18 (o de Pombal em nossa Tradição): o Estado "Moderno" geralmente não só não é apóstolo, senão ao revés é dominado por forças abertas ou secretas do anti-Cristo. O Estado é geralmente apóstata e trapalhão. Demagógicamente é "amigo de todos"... menos da Verdade. Portanto, é realmente inimigo de todos. No Brasil, nos últimos trinta anos, felizmente os homens

de governo têm sido melhores do que as instituições que se nos impuseram contra a nossa Tradição positiva.

Referindo-se ao Brasil Português, erradamente chamado "colónia", afirma o Padre Júlio Maria, o redentorista: "O período colonial, no que diz respeito à Religião, não é notável só, como se acaba de ver, pela catequese, a evangelização, o esplendor das ordens religiosas, e as primeiras instituições pias e de beneficência; é notável também pela *organização eclesiástica*. Católicos como eram, e tendo nas suas conquistas sempre em vista a expansão do catolicismo, esses, na frase do épico

Reis que foram dilatando

A fé e o império

não se esqueceram de prover com toda a sollicitude às necessidades da Igreja na colónia americana. Foi assim que, pouco depois de seu descobrimento, em 1551, pela bula *Super Specula Militantis Ecclesiae*, se criou no Brasil o bispado de S. Salvador, sufragâneo do bispado de Lisboa. Até então tinha o Brasil estado primeiro sob a jurisdição espiritual do vigário de Tomar, e depois, do bispado de Funchal"... "No decurso dos tempos, os interesses espirituais, ampliando-se cada vez mais, novas dioceses se foram criando, com as quais muito se desenvolveu o progresso religioso, e prosperou a Igreja no Brasil"... "No período colonial não só a catequese, a evangelização, a actividade das ordens monásticas brilharam nas páginas de nossa história; também a arte, a poesia e a eloquência tiveram fulgores que se não apagaram ainda. Recorrendo a valiosos subsídios esparços em escritos de autores brasileiros; estudando com diligência e senso religioso os monumentos artísticos do nosso passado colonial, pôde um distinto compatriota nosso, o Dr. Cunha Barbosa, fazer-nos contemplar o "*Aspecto da Arte Brasileira Colonial*". — (O catolicismo no Brasil. Memória histórica).

Assim foi sob os nossos Reis Portugueses. Que portugueses também éramos com toda honra aquêles tempos.

Não sabemos por que nos chamam colónia naquelas eras... e hoje não!... Pois somos colónia da república!

Perdoai a digressão rápida.

É neste momento em que celebramos o centenário da aparição de nossa Senhora para confirmar ser Ela a Imaculada Conceição (*Que soy era Immaculado Conception*) que o Papa nos mimoseia com uma prédica apostólica dirigindo-se especialmente às Cs. Ms. femininas na Itália.

17. Entrosaram-se nesta época terebrante e dolorosa da vida da humanidade, quando imensa parte dela está escravizada pelo anti-Cristo manifesto, ao mesmo tempo que os anti-Cristos hipócritas preparam o advento dos homens ou das teorias do pecado, entro-

sam-se (digo) dois signos gloriosos para a Igreja e consoladores para toda a Crístandade: Lurdes e Fátima.

Aquela que já está presente no Protoevangelho e levanta os suspiros de esperança de todas as gerações israelíticas revelou-se "grandiosamente" ao mundo duas vezes no espaço de um século.

E Sua Santidade recomenda-nos:

— 1.º — Antes de tudo contemplai Maria como modelo da vida na Igreja. — Aprendei dela, pois, a julgar recta e justamente; APRENDEI A VIVER DE FÉ. Proclamaí, a seu exemplo, que não há nada no céu para vós, fora de Deus; nada quereis na terra, fora de Deus. Afirmar que vosso único bem é estar unido a Deus, pôr em Deus a vossa esperança.

— 2.º — Em segundo lugar, contemplai Maria como modelo de acção pela Igreja. — Deveis saber perfeitamente o quanto e como Maria participou intimamente desde o início da vida da Igreja. Com Maria, Mãe de Jesus: cum Maria matre Jesu" (Act. 1, 14) estavam reunidos os Apóstolos, perseverando unânimemente em oração, "perseverantes unanimiter in oratione", quando o Cenáculo foi sacudido por um vento impetuoso e a minúscula comunidade dos fiéis recebeu o Espírito-Santo que a encheu de todos os seus dons (Cf. Act., 2, 4). Pouco depois Maria pôde assistir à primeira sementeira e à primeira colheita maravilhosa da messe cristã. Pedro falou à multidão e com seu discurso, ouvido por todos na própria língua, provocou o primeiro desenvolvimento da Igreja. Desde esse dia de bênçãos para a jovem comunidade de Jerusalém, MARIA NÃO CESSOU MAIS DE VELAR, COMO MAE DULCÍSSIMA, SOBRE A IGREJA DE CRISTO (grifos nossos). Nenhuma circunstância, principalmente nenhuma hora de inquietação e sofrimento passou pela Igreja — podemos bem imaginá-lo — sem que se sentisse a assistência materna de Maria. Cada vez que a noite parecia descer sobre o mundo, viu-se aparecer no céu Maria, estrela da manhã. Quando o suor de imensas fadigas banhava a fronte da Igreja, quando os seus olhos se encheram de lágrimas, quando sua carne, à semelhança da carne de Jesus, foi atormentada e mesmo pregada na cruz, a Igreja teve sempre junto de si Maria, Mãe das Dores. Assim como se deve a ela a perseverança dos filhos devotos, também foi sempre ela que encorajou a volta dos filhos desgarrados e os acolheu com ternura infinita. Graças à sua intervenção, jamais faltou protecção à Igreja, quando objecto de assaltos violentos ou de insídias dis-

simuladas. ASSIM A HISTÓRIA DOS TRIUNFOS DA IGREJA É A HISTÓRIA DOS TRIUNFOS DE MARIA (grifos nossos).

— 3.º — Missão da Igreja na hora actual. — Mas, existe algo a que, por sua importância, deveis vos entregar sem poupar energia e tempo. Com efeito, a Igreja tem uma missão particular nesta época atormentada da história humana. Se, com efeito, é uma realidade que toda verdade tem seu momento, pode-se dizer ESTA É A HORA DA IGREJA, CONSIDERADA COMO CORPO MÍSTICO DE CRISTO. Se, pois, deveis cuidar as Cs. Ms. no quadro da missão da Igreja, esforçai-vos por compreender, o mais possível, esta maravilhosa verdade anunciada e tratada com luminosa clareza pelo Apóstolo São Paulo.

De outra parte, continua S. S., nosso século está assistindo a um desenvolvimento orgânico cada vez maior da ideia de uma humanidade, cujas partes distintas deverão, na medida em que é possível prever, passar do conceito de aliança AO DE COMUNIDADE — NO SEU SENTIDO AUTÊNTICO — VIVA E ACTIVA. Não há movimento político ou social que não coloque de qualquer modo na base de toda sua estrutura este conceito, por assim dizer "comunitário" do Estado e do mundo. O individuo, de seu lado, sente-se cada dia mais como parte vital de uma realidade única e toma consciência de seus deveres para com todo o organismo social. E, como esta noção está difundindo-se no mundo, muitas vezes mostramos e queremos repetir igualmente a vós, dilectas filhas, que OS HOMENS ACTUALMENTE QUEREM ESCUTAR, COM INTERESSE CADA VEZ MAIOR, A DOUTRINA QUE CONSIDERA A HUMANIDADE, POR ASSIM DIZER, COMO UM ÚNICO CORPO, E CONVIDA OS HOMENS A SER UM SÓ CORAÇÃO E UMA SÓ ALMA (grifos nossos).

A missão da Igreja hoje é provar que só a doutrina de Cristo se apresenta aos homens como apta a salvar e a reanimar um mundo que se encontra no pesadelo de uma inquietação perpétua e de um tumulto artificial. Cumprí pois a vossa missão, porque sois também a Igreja, e deveis viver nela e por ela trabalhar, sem descanso e sem tardança.

Que Maria, vossa Mãe e Rainha muito amada, seja o modelo de vossa vida na Igreja e de vossa acção pela Igreja. Assim seja."

18. Dessarte terminou Pio XII a sua alocução a 26 de abril d'este ano de 1958, glorioso ano jubilar de Nossa Senhora da Conceição de Lurdes e às vésperas da declaração do último segredo de Nossa Senhora do Rosário de Fátima que, como sempre anteriormente, convocou a Cristandade à oração e especialmente ao seu rosário, bem como à penitência.

Não podíamos, na pobreza mental e cultural muito abaixo de um tema a reclamar profundezas e fulgurações de teólogos, sábios da Escritura Sagrada e canonistas, galgar a altura sublimada daquilo que nos coube por gentileza nimia dos organizadores d'estes solemnes actos.

Passando, porém, a palavra a Sua Santidade, rematamos condignamente esta palestra humilima para celebrar com os doutos o jubileu sacerdotal felicissimo d'esse valente e sábio artistite da Santa Madre Igreja, Exmo. e Revmo. Sr. Dom José Mauricio da Rocha, que tanto bem há feito com a sua acção directa e suas sempre oportunas pastorais aos diocesanos seus filhos e aos outros que fruem do privilégio gratissimo de receber algumas preciosas migalhas da mesa farta por S. Excia. Revma. dispartida à sua afortunada Diocese de Bragança Paulista.

Ad multos annos.

27.6.1958

IV

O ESSENCIAL E O ACIDENTAL

1. Como o uso de palavras, de certas palavras, em determinadas temporadas, assim também é o uso de chavões, das frases feitas, das afirmações gratuitas que os escrevinhadores e palreiros e até distintos plunitivos e oradores ousam repetir sem raciocinar. É o lado mau da imprensa afobada. Por v'ezes advém da filosofia momentosa a imposição do vocábulo: **imperativo**, termo que ficou, lembra o kantismo; **humanidade**, **positivo**, **leis positivas** (em certo sentido suspeito), bem como **metafísica** em sentido pejorativo, são chavões metralhados no começo da república, graças aos sequazes de Comte, aliás pouquíssimos. Andou em voga há tempos a palavra **clima** a todo propósito e sem propósito nenhum. Moda! O mesmo se deu com o termo **complexo**, no sentido freudiano, nas mesmas condições. Houve em tempos um pouco mais remotos o abuso de **princípios** que às v'ezes nem o eram, e especialmente com o apêndice de **imortais**. Símple moda! Já morreram. Aproveitando-a no seu circo, também o Piolim fêz palhaçadas com emprêgo de "princípios". Era "chic". E também "chic" se **murió**.

Por ocasião da guerra passada, fruto do pensamento e vontade imperialistas que tanto podia partir de democráticos como dos defuntos nazistas e "palpitantes" comunistas hodiernos, projectou-se na atmosfera a palavra **democracia** com todos os seus parentes vocabulares. Reagindo, até os nazistas e bolchevistas (estes então aliados daqueles!) se proclamaram **democráticos**. Prestígio da palavra e não do conceito e seu objecto. Raros os homens assás corajosos para afrontar vozes em fugaz prestígio...

Agora, lançaram os tolos da ONU, ecoando os planos de Moscovia, **Auto-determinação** dos povos, menos os "determinados" pela colonização urssista na Europa. Com a palavra, o terrorismo creado na África pelos malfetores internacionais que tudo atribuem aos não bolchevistas, chamados "fascistas" pelos inocentes comunistas, seus filios e seus criptos.

• • •

2. Em um dos seus últimos livros opõe-se a esse prestígio de frases ou vocábulos o notável Charles Morgan. Refere-se, com efeito, à afirmação sedida, tão comum, de que determinadas coisas **nunca mais** hão-de acontecer no mundo. De que tais costumes, tais factos, tais regimes jamais reaparecerão sobre a face da terra. E a propósito entra na discussão do **novo, novidade**, prestígio permanente entre os pobres mortais. Ora, já há milênios asseverava o sábio rei dos hebreus nada haver de novo debaixo do sol. O **novo** é apenas o velho remoçado em certos aspectos, bem como o velho é novo que cedeu lugar a outro na maré da voga contemporânea. Geralmente, o novo confunde-se com a moda (amiúdo repetição de formas antigas), embora possa não o ser. E, se "la donna è mobile", impõe-se-nos a moda como algo predominantemente feminino. E poder-se-la asselar-lhe o predicado de "infantil", como das crianças é própria a variação, a sede de mudanças. Ao revés, caracteriza-se normalmente estável nos propósitos e procedimentos o adulto.

Nihil novi sub solem.

3. Com viver mais de quarenta anos, máxime na vertigem louca dos tempos modernos, goza a gente do privilégio de haver assistido a muitas modas e, o que é mais, vivido as mesmas, mental ou fisicamente. Por exemplo, física ou, melhor, "indumentariamente", enverguel paletós cintados, paletós frouxos, casacos pregueados, com barras posteriores, sem barras, de golas largas, estreitas, redondas, com casa na lapela, sem casa, costurados atrás, sem costura, etc... Usei calças bombachadas, rectas, canudo-de-pito, cintura baixa, bolsos assim, bolsos "assados"... o diabo a quatro. E jamais gostei dessas brincadeiras.

4. Literariamente, assisti à transição do parnasianismo de Bilac e Alberto de Oliveira com os últimos fumos do simbolismo para o modernismo de Graça Aranha e da semana da arte moderna, ecos dos clamores marinéticos na Europa. Toda uma gente danada que se propunha matar o luar e as serenatas, substituindo tudo por "robots" mecânicos. Era um caos ainda, anterior à passagem do espírito fecundador.

O luar, porém, não era apenas moda, e continua firme. Vivi a literatura renovadora na minha cidade do interior e, modestamente, já era um renovador quase solitário (como o atesta o meu poema "Amar... e amar depois", publicado em 1923), conquanto mais desconhecido do que o soldado do mesmo nome.

Depois, precipitou-se tudo isso para vários e desencontrados ou quiçá encontrados caminhos. E, agora mais de um quarto de século após, olhando em tórno, parece-me que tudo recomeça... O acidental esvalou-se, passou, o essencial permanece.

Só os idiotas insistem em agarrar-se no acidental e cuidam que isso é tudo. Voltam "acidentes" antigos. Já revestem as moças as saias roçagantes que lhes vi em menino. Impõe-se-me outra vez a calça canudo-de-pito que me torturava há uns vinte-e-cinco anos. Daqui a nada, teremos como nas músicas o "Da capo".

Quid novi?

5. E, na profundidade da minha crença religiosa e na essência das minhas convicções filosóficas e políticas, nada mudou. Continuo católico na Fé, prossigo neo-escolástico, quase direi aristotélico na filosofia, e monárquico integral na política. Há, pois, que distinguir entre o acidental e o essencial. O acidental é o passageiro, o efémero, o movediço e, por assim dizer, o infantil, o feminino (sem ofender às nossas caras metades!), o lunar, a moda!

Vem com muito ruído, farta presunção, demasiada fanfarras e alvoroço contra o passado, contra o permanente, contra o eterno, contra o bom senso, contra o verdadeiro que não é velho nem novo... e passa. Apenas moda!

Valdade das vaidades, tudo vaidade.

Com as próprias raízes do ser e da vida o essencial confunde-se.

Para poder manter-se, não se apoia o acidental. E o pouco que daquele o acidental carrega constitui o segredo e razão da existência do acidental carente de substância.

Mudam-se as aparências do vestuário; mas, uma vez que ainda realiza o fim de vestir o corpo, é roupa.

Em política, assisti à euforia e orgulho pagãos dos estados burgueses, liberais e capitalistas despreocupados, de antes de 1914, desafiando a justiça social e a justiça de Deus. Fôra longa demais a **moda liberal** para que dela duvidassem. Lembro-me da soberba de Waldeck-Rousseau e da impiedade de Combes, mais tarde imitadas pelo famigerado Calles do México.

E veio o desengano medonho da primeira guerra grande, e vieram as agitações e revoluções sociais, para estraçalhar o sossêgo paquidérmico dos imprevidentes pais-de-pátria. O pouco do essencial na governação dos povos conservara o possível de paz. Agora, era o fim, por desatenção a toda a finalidade do governo: o bem comum íntegro, temporal e espiritual.

Imitando o erro fatal dos tiranos gregos reivindicadores, contra a despreocupação dos estados burgueses modernos, ergueram-se — outros helenos à Pisistrato — os totalitários do ocidente e do oriente...

Já passaram os do ocidente... Faltam os outros, mais ferozes, mais cínicos, com o seu satanismo contra as nações e contra Deus.

7. Não estaremos nós brasileiros, igualmente, sendo vítimas dos chavões, das frases feitas, do feitiçismo vocabular, da moda, em nossa vida política?

Não estamos a ser por ventura ou desventura os infantis otários do prestígio óco da palavra **república**, de cambulhada com democracia e federação, que só favorece a minoria audazes, inescrupulosas e sem vergonha?

Há várias décadas que não fazemos senão apensar-lhe adjectivos (acidentes) na gana pueril e baldada de "melhorá-la", de fazê-la realizar os sonhos históricos dos históricos de 89.

Já foi a república ditatorial do Benjamin, a ditadura republicana criminosíssima do Floriano "consolidador" (como me ensinaram na escola primária e ingenuamente cheguei a repetir psitacoticamente...), a república civil do Prudente, a república governamental e fiscal do Campo Sales, etc... etc..., a república forte do Washington, a ditadura getuliana post-revolucionária, a fragilíssima democracia social de 34 assaltada pela quinta-coluna urssista, a covarde renovação nacionalista do Estado Novo que não ousou restaurar o Brasil as suas instituições deveras nacionais, a república redemocrática do general Dutra... Basta!

8. E é accidental tudo isso para a realidade, para a identidade histórico-tradicional do Brasil, para a nossa originalidade institucional na América: pois, conforme a conclusão apodictica dos estudos conscienciosos e objectivos sobre a nossa evolução política, só nos cumpre afirmar ser o Brasil uma Pátria Imperial que não pode de modo nenhum ser república. Esta é anti-nacional, dissolvente e separatista. Pode em definitivo dar-nos unicamente como tem dado) miséria, desentendimento, desorganização e fraqueza. Somam-se os males, e continuam. Não se somam os acertos, e descontinuam.

Mas, para que clamar?

Mais do que a realidade vale o misero vocábulo "república" com o seu óco e nefasto prestígio.

Cede o ouro do essencial aos ouropéis do accidental!

P. S. — Com pequeníssima actualização, é este um artigo publicado em 1948 em uma folha académica. O essencial não muda.

V

SAUDAÇÃO AO PRELADO

Exmo. e Revmo. Sr. Dom JOÃO BAPTISTA COSTA
DD, Bispo de Pôrto-Velho

Coube-me a honra de saudá-lo neste como momento de transição de sua preciosa vida ascensional, quando ainda sendo director em acto do nosso Liceu, também é Bispo em acto, embora em potência executiva, da Prelazia de Pôrto-Velho.

Intimado a fazer uma saudação escrita, rumei à cata de um texto da Escritura Sagrada, adequadamente aplicável à ocasião e à pessoa. E reparei em que faz ao meu propósito aquillo de São Paulo a Timóteo, na I Epíst., cap., 3, exarando esta entre as qualidades reclamadas a um bispo: "Suae domui bene praepositus". E explica adiante: "Si quis autem domui suae praesae nescit, quomodo Ecclesiae Dei diligentiam habebit?"

È, pois, segundo o Apóstolo, qualidade indispensável a um Prelado o dom de governar bem a sua própria casa, pois (acrescenta) como há-de ser autoridade na Igreja de Deus, como há-de tomar cuidado dela quem a própria casa não sabe dirigir?

Ora, aí está: quê mais diria São Paulo se já soubera que V. Excia. ia ser Prelado de Pôrto-Velho? Nada mais. E nesse texto paulino está o elogio e motivo da saudação que lhe dirijo. Já ouvimos farta e justamente os louvores da administração de V. Excia. nesta casa de Dom Bosco, louvores partidos dos seus próprios companheiros de hábito, de subordinados em geral e outrossim de estranhos à Casa. Impossível fôra tamanha unanimidade, se V. Excia. em algo destoasse do que desse razão a ela.

E quê é um Bispo? Responda-o o Código de Direito Canónico: Os Bispos são sucessores dos Apóstolos e prepostos por divina instituição às igrejas particulares, que regem com poder ordinário sob a autoridade do Romano Pontífice.

Val V. Excia. como governador de vastíssima prelazia, como pastor de cristãos velhos e conquistador de novos cristãos na "selva selvaggia" da indiada bruta carregada de tantos motivos para desconfiar das boas intenções dos civilizados que rotineiramente se chamam católicos ou cristãos, sem terem porém o máximo distintivo dos redimidos: a Caridade. E a sua partida ficar-nos-á clamando o dever de ajudar com orações e meios materiais as Missões e os Bispos Missionários, como já o é V. Excia.

Sucessor dos Apóstolos, e especialmente do Apóstolo que lhe ade-reçou aquele "Suae domui bene praepositus", irá passar sorridente como sempre as suas agruras de porta-Cristo e também as suas alegrias consoladoras, merecendo para si e para os seus que aqui ficam e já foram ficando para trás. Dom João Baptista, para ser mais perto de Dom Bosco como xará que é do insigne Missionário do século passado, filho de Dom Bosco, privilegiado na protecção de N.a S.a Auxiliadora, possui V. Excia. os dons e os auxílios para a sua missão, dons sobrenaturais acrescidos aos que lhe prodigalizou a própria natureza, distinguindo-se qual Capitão do Reino de Deus, tal como se distinguiram pelo valor nas tropas imperiais os soldados da província dos barrigas-verdes.

Estamos saudando-o, Exmo. Sr. Dom João Baptista, e plantando saudades ao mesmo tempo. Hoje, todavia, segundo descobri, é o dia de N.a S.a da Alegria. E a oração que segue as suas laudes diz isto: — "Ó Maria, Lua, porque como a lua recebe do sol a sua luz, assim também a beatíssima Virgem recebeu de Cristo o esplendor da luz e da graça e a norma da vida recta, Lua sempre rutilante, Luz para os cegos, Luz que clareia com omnimoda pureza, Luz claríssima, não obscurecida por trevas algumas de pecados, oral por nós".

Se na saudade se conjugam a dor e a felicidade, nós todos seus subordinados, seus amigos, seus admiradores, sentindo embora que nos deixe, somos felizes, exultamos de alegria, por sabermos que os seus dons levarão aos nossos irmãos de Pôrto-Velho a paz e a alegria de Cristo, aquela mesma que os Nóbregas, os Anchieta e, mais recentemente, os seus irmãos salesianos ofertaram com amor e sacrificio aos nossos antepassados e o fazem ainda aos nossos contemporâneos.

Da sua obra episcopal e missionária seja penhor, como sempre há sido, N.a S.a Auxiliadora, cuja ajuda nos dá a alegria do Senhor, para que Sua Santidade o Papa Pio XII mais um vez se rejubile com os filhos de São João Bosco e com superabundância de razão não se arrependa de amar tanto o nosso querido Brasil.

VI

EXPOSIÇÃO DOUTRINÁRIA PARA OS HOMENS DE BOA VONTADE

1. Não há forma-de-governo ou regimen **PARA** uma Nação; mas sim **DE** uma Nação; pois, se são universais os princípios da Ciência Política, a forma-de-governo é particular e individualizada **hic et nunc**, "encarnação histórica", orgânicamente vivendo e variando em seus acidentes, auto-ajustando-se e auto-superando-se no tempo, mas substancialmente mantendo-se idêntica a si mesma.

Isso pôsto, forma-de-governo **PARA** uma Nação é utopia cerebral e cerebrina, e só poderá existir por uma imposição violenta alheia à Nação, como a da revolução dita francesa, a do motim de 89 no Brasil ou a convulsão bolchevista da Rússia, originária de interesse bélico da Alemanha em 1917.

Forma-de-governo **DE** uma Nação constitui **VIVÊNCIA HISTÓRICA, EXPERIÊNCIA**. Portanto, de **HISTÓRIA DEFORMADA** (como a do Brasil) provém **POLÍTICA DEFORMADA**. Certo universitário tolo pretendia deformássemos a nossa doutrina histórica a favor das paranoias dos ignorantes cismáticos da Pátria. Desconhece-se a posição legítima dos que sabem o real, ignora-se ser a história ciência do concreto, que não do fantástico.

Nestas nótuas, ficaremos na **HISTÓRIA TOTAL** do Brasil, em rápida visão. Vem metodologicamente apenas o universal. Não queremos a monarquia inglesa ou russa ou japonesa ou sueca. **MONARQUIA BRASILEIRA**, no chão da nossa História ontologicamente considerada, no chão da nossa Pátria.

2. Deve necessariamente haver **AUTORIDADE**, logo um **Estado**, onde quer que haja multidão racional.

Mas o Estado tem de encarnar a **SOBERANIA**, que à Nação pertence.

Sendo porém a Nação um **TODO SUCESSIVO**, somente pode ser fundamental e adequadamente representada por uma entidade sucessiva, isto é por uma **FAMÍLIA**, chamada **DINÁSTICA**, detentora histórica da **COROA** ou do **TRONO**, símbolos da Justiça e Autoridade, procedente das origens da Nação. Tal o caso do Brasil, único país da América evoluído de modo natural e orgânico no seu ser

nacional até o acto violento e anti-natural em 1889. Só a Dinastia, repetimos, pode representar excelentemente (como entidade sucessiva) o todo sucessivo que é a Nação, e a sua Soberania.

3. Ora, há naturalmente um só CHEFE na Família. Logo, igualmente na Família Dinástica. No caso concreto brasileiro, é o Rei-Imperador.

Dai, decorrem a responsabilidade, a continuidade, a independência, a actuação livre do Poder, no ESTADO MONARQUICO, representante real da Nação pela Dinastia e pelo Rei, em solidariedade perfeita de interesses.

Na República, dizem estar no povo a Soberania. Povo, todavia, não é a Nação, senão apenas um momento dela: o fugaz momento presente. E, dado seja demo-partidária, nem sequer representa o momento presente, senão unicamente os rótulos ou os interesses dos partidos, habitualmente contrários ao Povo e saqueadores d'ele.

Portanto, o Estado Republicano, ordinariamente excrecência política, não representa a Nação, nem o Povo, momento da Nação que, por infelizes circunstâncias ou traições históricas, não pôde deixar de sofrer a desgraça republicana. Pior ainda: a tendência lógica do Estado republicano é

- Desprezar praticamente o Passado
- Desconhecer praticamente o Presente
- Sacrificar praticamente o Futuro da Nação.

Por não ser entidade sucessiva, não forma Tradição, vive em hiatos, em eternos recomeços, eternas crises que provoca, fomenta ou cria, não acumula experiências no seu perpétuo vir-a-ser estonteante, é irresponsável, descontínuo, imprevidente, aventureiro. Maelas quejandas intrinsecas, procura evitá-las com recurso à oligarquia e ditadura, declinando afinal para o despotismo ou para a anarquia...

E (insistimos) nem sequer representa o Povo, pois é criatura dos partidos (que não são o Povo mas seus exploradores) e, em última análise, nem os próprios partidos, mas somente os próprios indivíduos "representantes"... de si mesmos.

4. Conclui-se, porconsequente, que o Estado Republicano não representa a SOBERANIA NACIONAL, pois advém de uma delegação falsa, sem raízes na vivência histórica e tradição pátria.

É eleito (e mal escolhido) o seu falso soberano. Em toda parte (e especialmente no Brasil), são as eleições um mercado onde lutam as influências mais disparadas, especialmente económicas, capitalistas, negociastas, usurárias, espoliadoras e até de Estados estrangeiros. Dai as continuas ameaças à União e unidade nacional e lutas intestinas.

5. E a contrario o ESTADO MONARQUICO representa a Nação? Sim e sempre.

Imperfeitamente nas monarquias ditas constitucionais, nas liberais, partidárias, parlamentares; perfeitamente na Monarquia orgânica (Patrianovista) que não divide o Povo, momento presente da Nação.

É essa a MONARQUIA DA TRADIÇÃO NACIONAL, diminuída em nosso Império Antigo e era proposta e actualizada por PATRIANOVA, única Doutrina e Movimento nacional político-cultural do Brasil.

A MONARQUIA ORGÂNICA não divide o povo como todos os tipos de repúblicas e democracias, tumultuosas e rixentas, pois a representação provém dos grupos naturais primários e secundários existentes na Sociedade (e não no artifício dos partidos e facções), isto é — a Família, a Igreja, a Cultura, a Milícia, a Técnica e o Trabalho em geral.

6. Em síntese, a MONARQUIA, o ESTADO MONARQUICO (personalizado no Chefe Hereditário) representa real e perfeitamente a Soberania da Nação, o Comando Nacional, em busca da paz e prosperidade públicas.

A REPÚBLICA, o ESTADO REPUBLICANO (personificado no Chefe eleito e provisório por lei ou de facto pelas continuas deposições) não representa nem a falsa soberania do Povo que indêbitamente presume representar, nem muito menos a Soberania verdadeira, da Nação — todo sucessivo não representável por indivíduo avulso, que amiúdo pretende de balde continuar-se por vitaliciedade ou por imposição do sucessor, inconsciente porém valiosa homenagem à legítima hereditariedade do Comando Nacional.

E como, a demais de todas as deficiências, dissocia a soberania falsa em três poderes, perde a unidade nas discórdias dos três briguentos da tollice de Montesquieu.

Dessarte, a República não passa de uma farsa trágica e caríssima, raiz do comunismo, que é isso a que estamos assistindo à força na Pátria Imperial Brasileira, assaltada totalitariamente em 1889 por uma corja de ignorantes armados e de marginais presunçosos, desviada do seu fulgurante destino de imensa e pacífica potência mundial, a que honrada, lenta e firmemente se encaminhava, e agora tendendo para a miséria e para o caos, remate lógico e fatal da estupidez demagógica e da voracidade insaciável republicana.

VII

FALÊNCIA DA DEMOCRACIA REPUBLICANA

Já há alguns anos escreviamos esta nota até hoje inédita, mas ainda actual:

— Continua nesta "república dos estados-unidos" a luta entre o real e o suposto, isto é do Brasil como ele é e a república que se supõe brasileira. E a república é derrotada, sem reconhecer a derrota e retirar-se do campo. Sômente poderá permanecer com a garantia que lhe dá o illustre General Zenóbio da Costa: "Com o Exército forte e aguerrido, a nossa gente poderá trabalhar despreocupadamente, porque a democracia, que é a forma de governo que ela deseja (?) e que melhor fala aos nossos sentimentos de homens livres (?), lhe será assegurada pelas nossas baionetas e canhões" (Discurso de posse no Ministério da Guerra).

É uma tragédia de equívocos a palavra que deveria reproduzir uma idéa que nos está na mente. Entretanto, entende-se a palavra "democracia" no citado discurso em pelo menos três sentidos: como regimen oposto ao **totalitarismo** (a que a própria democracia liberal nos arrasta); como regimen afeito ao **bem comum** (que realmente desejamos e a república democrática **NUNCA** nos deu); como regimen da participação **REAL** da Nação organizada no governo, participação essa que não existe nem pode existir nesta constitucional república dos estados-unidos, que nos foi imposta totalitariamente em 89.

Se, porém, S. Excia. nos fala da garantia contra as forças internas da quinta-coluna e externas das potências totalitárias actuais, bolchevistas, estamos perfeitamente de acôrdo com o valente cabo de Guerra patriótico.

Acontece, todavia, que, antes do caso do memorável **Memorial dos Coronéis** que ia resultando em grave crise das falsas instituições, apenas ideológicas e não realistas, que nos "regem", houve um diálogo partidário-governamental. Afirmou o Governo que no Brasil não há "oposição" que se preze; respondeu o partido dito "oposição", que não há oposição por não haver governo que se preze. Afinal, em que ficamos? Onde está a democracia republicana, se por definição é ela, o regime em que da briga, da altercação, do bate-bôca devem

sair a verdade, o bem e quiçá a beleza, que farão a felicidade da Nação e o esplendor do bem comum? Concluiu-se que **não há governo nem oposição**.

Em face de tudo isso, qual a atitude de Pátria-Nova?

— Ir doutrinando o Brasil sôbre o Estado Imperial Orgânico **realista**, que prepare o Brasil para libertar-se dessa confusão, satisfazendo aos três sentidos ou aspirações ocultos na oração do actual Ministro da Guerra e dos futuros possíveis: — **Monarquia Orgânica**, único regimen anti-totalitário e ao mesmo tempo forte sem prejuizo das liberdades; **Hierarquia** de principios e funções; **Representação** de base municipal familiar e corporativa (não-partidária) para que a Nação seja **realmente** representada, ao contrário do sistema uni ou pluri-partidário, que não representa coisa nenhuma.

VIII

DOCTRINA TRISTE

1. Pleiteiam contra a Monarquia pela República quase todos os inimigos da Igreja Católica, à frente os maçons. Já em tempos mais remotos, esses sectários, prudentes da malícia satânica enquanto se haviam por impotentes para investirem aos seus desejados extremos, infiltravam-se nas Monarquias, como fizeram na França, Espanha, Portugal, Austria, etc., levando-as a actos indignos anti-católicos, anti-cristãos e portanto anti-nacionais e anti-monárquicos, desmoralizando-as no seu clero, na sua nobreza, na sua burguesia e, daí arrastando-as à revolução do chamado "direito novo" anti-cristão, liberalista, "constitucional", em oposição à vivência histórica e "experimental" da popular monarquia orgânica que apellidavam malévola "absolutista", abrindo sangrentas saídas para a nefasta "democracia", agora em vigor mais ou menos trágico no mundo inteiro.

Vinham-lhes à testa, amalucadamente, padres e nobres — homens de armas na época — corrompidos pela seita, extremados como todos os conversos, naturalmente desejosos de mostrar árdidamente o real abandono dos velhos princípios justa ou injustamente renegados, símiles dos *bonzinhos* de hoje a serviço patente, embora inconfesso, da heresia marxista. Para esses, andavam "superados" os velhos princípios humanos e cristãos da teoria tradicional.

Tivemo-los cá no Brasil mormente em 1817 e 1824, tal qual nas Espanhas e em França, quase coincidentes.

2. Mais tarde, o dono da "joia" campineira, tressudando ódio à Igreja, consultava as suas congêneres de todo o Império sobre o temido reinado da "carola" futura Imperatriz Isabel I, ao mesmo tempo que tudo se fazia para desmoralizar o Príncipe Consorte e Marechal do Exército Brasileiro, Gastão de Orléans, Conde D'Eu, inimigo da seita, quiçá vítima da inveja dos mediocres. Sobre o assunto, útil será consultar os livros de Luís da Câmara Cascudo e Alberto Rangel acerca da eminente figura imperial brasileira.

"Ninguém foi mais mal compreendido no seu meio — diz Oliveira Viana — do que ele; a maledicência tomou-o à sua conta para impopularizá-lo, projectando a sua personalidade na imaginação das massas, não numa

imagem exacta, mas numa imagem deformada e caricatural, em que não eram escassos os traços de antipatia e de grotesco. É assim que, sendo um bravo nos campos de batalha, diz uma testemunha daquela época, nunca se fez um herói estimado e consagrado pelos seus companheiros d'armas; sendo um homem de maneiras simples, nunca se fez popular; um verdadeiro "mãos largas" em favor dos necessitados, mas que passava, entretanto, pela suspeita de avaréza e sordidez" (O Ocaso do Império).

3. Promoveram convenção como a de Ytu, de que se gloriam tolaemente muitos dos meus conterrâneos. Instituíram clubes republicanos, verdadeiras réplicas das próprias lojas maçónicas, como os da revolução dita francesa donde partiu o "constitucionalismo" liberal e anti-cristão, de absurdo eco anacrónico até hoje no século vinte...

Já havia, da mesma forma que hoje para o comunismo (de que o maçonismo é aliado confesso), os inocentes úteis ou inúteis, os mãos-estendidas, os testas-de-ferro balordos e emproados, os "compreensivos" liberais, "democráticos" e tolerantes que, até encarapitados em altos cargos imerecidos, vão na maciata introduzindo a peste no Brasil, sob os olhares benévolos, suicidas e estúpidos do tradicional QUARTO PODER brasileiro — as forças armadas. Com tais inocentes ou canalhas, crearam inconstitucional e artificialmente a "questão religiosa", no 2.º Império.

4. É de sabedoria e ciência civil e militar não fazermos NUNCA o que de nós os inimigos querem. Mas, sendo infinito o número dos estultos, como reza a Sacra Escritura, insistiram sempre muitos católicos inclusive clérigos parvos, que se julgam adiantados, emancipados como os inefáveis livres-pensadores que nada ou pouco pensam, em desprezar as admoestações dos prudentes (pois há uma prudência política bem definida pelo Aquinatense) e adoptar o plano dos "sinceros" republicanos tripingados... agora simultânea e coerentemente vermelhos.

Vendo esses que, mercê da resistência dos Reis e seu egoísmo natural e profissional, benéfico aos seus povos, nada mais podiam conseguir mediante mera infiltração nas Monarquias vacilantes, já parcialmente infiéis aos seus próprios princípios, forçaram a instalação de repúblicas, cafuas de chefes provisórios irresponsáveis, egoístas, voracíssimos, vazios de amor aos pobres povos, vítimas suas.

5. Todos os que tramaram a república e a proclamaram (?), talvez exceptuando (não garantimos!) o positivista Benjamim Constant, eram maçons confessos, inclusos Rui Barbosa que se dizia incoseqüentemente monárquico e o traidor-mor Floriano que não reagiu como devia para (desculpou-se ele) não verter sangue brasileiro que ao depois derramou como ninguém mais, abundante e criminosissimamente, durante a revolução e em perseguições sobretudo no Sul,

onde até hoje há memória amarga dos crimes abomináveis da sua ditadura republicana sangüinária, logicamente usurpadora de um poder já de per si espúrio.

Muitos, tal o ingênuo, o coitado do "colaboracionista" Padre João Manuel, ignaro dos motivos secretos da república, fizeram e quizeram precisamente o quanto desejavam os inimigos da Igreja e da Civilização por ela fundada no Ocidente. E o que êsses diabòlicamente queriam foi feito, sob o aplauso ou a indiferença culposa dos que deviam resistir-lhes.

6. Continua ainda hoje incrivelmente idêntica estultícia, inclusive de numerosos Joões Manuéis. Pois o processo revolucionário iniciado no século XVI não se estancou. No xadrez confuso da política brasileira actual, geralmente sórdida, desapiedada e superficial quando não profundamente suja nos baixos e lupinos interesses dos militantes, ladrões até da comida do povo, a maioria dos "filhos da luz" mudam as peças segundo a insinuação meliflua, veihaca e trefa ou, afinal, conforme os desejos insidiosos dos inimigos da Civilização, da Pátria e da Igreja. E choram lágrimas de crocodilo após a própria traição inconsciente e estúpida — fruto de ignorância vencível.

E, assim, tal qual se deu em 1889 para a traição maçônico-republicana liberal-democrática — semente do comunismo — poderemos num outro 15 de novembro, como já se tentou, acordar (pois dormimos) sob o domínio da satânica república comunista falsamente popular, a qual implacavelmente mandará para o campo de concentração ou para o túmulo tanto os bem avisados e gloriosos resistentes que tentaram "despertar Babilónia", como os néscios e píffios colaboracionistas dos inimigos de Deus e da Pátria. Encabeçando o cortejo fúnebre desfilarão os membros desprezíveis dêsse governiço actual hipócrita, celerado "em tôdas as frentes", revestido do cúmulo da desfaçatez quer na omissão dos deveres de patriotas e governantes, quer na aliança incompreensível, infanda e parricida com os apátridas traidores de tudo quanto é santo.

IX

LITERATURA POPULAR UCRANIANA

Está na ordem do dia a Ucrânia, ou Ucraina como preferem escrever outros, por causa da grande tragédia que ora se desenrola na riquíssima terra à beira do mar Negro. Não seria interessante conhecer algo a respeito da alma dessa velha região, pátria dos célebres Cossacos?

Um dos meios mais hábeis para tal fim é o manuseio da literatura popular, a literatura folclórica, e para isso contribuimos, dando a público alguns poemas do gênero, os quais certamente hão-de agradar a muita gente de bom gosto.

Dos motivos que, nos países das zonas de clima estável, mais influenciam o estro popular, ressalta por sem dúvida a volta da primavera, quando se esvaem os últimos nevoeiros hibernais e as árvores esqueléticas entram a tocar-se de folículos e brotos viridentes. E temos:

A RENOVAÇÃO

Eis a bela primavera!
Traz o bom tempo e o calor,
batem palmas as crianças,
brincam moças com fervor.

Tecem as donas de casa,
no seu trabalho do lar.
Vão os chefes de família
na lavoura labutar.

Os anciãos tomam conselho
e fabricam a cerveja,
porque se aproxima o dia
que tôda gente festeja (1).

Está aí descrita, com a mais adorável singeleza, o que se passa entre os burgueses e camponios, encantados com os renovos que transmudam a natureza. E a mocidade, para a qual tudo é beleza e entusiasmo, galhardamente se delicia com o esplendor primaveril.

eterna imagem dos verdes e deleitosos dias juvenis, espouca as suas alegrias em jogos tumultuosos. E vêm os

JOGOS DA PRIMAVERA

Não cresça, anis odorante,
tão alto, no meu jardim.
Não rodeie, não, ó velho,
em volta de casa assim.
Hortelãs — folhas festoadas —
velho, não torne esmagadas.
Esse velho, ao pobre velho,
meu coração nunca amou;
eu fiz rolar uma pedra
no lugar onde passou.

Oh! como é cousa difícil,
a uma pedra, o rolar!
É mais difícil ainda
para um velhote casar.

Cresça, pois, anis olente,
bem alto, no meu jardim.
Vem, moço, rodear um pouco
à roda de casa, assim.
Esse rapaz, sim, a ele
meu coração sempre amou.
Eu fiz rolar um anel
no lugar onde passou.

Oh! como é coisa tão fácil,
a um anel, o rolar!
Porém é muito mais fácil
para um jovem se casar.

Gostaram do jogo? Certamente, impertigaram-se os moços e acharam muita graça na maldade ucraniana das garotas a descartar-se dos velhotes pelintras. Mas isso faz parte da ironia de todos os folclores. Riem dos anciãos metidos a mancebos, como chacoteiam os velhos a inexperta ingenuidade dos rapazelhos que pretendem tomar de assalto tôdas as venturas da vida, possíveis e impossíveis.

Há mais, todavia. Legaram-nos os antepassados as lendas das Uíaras e da Cobra-Grande, a pôvoar os mistérios da natureza grandiosa do Brasil. Conta a opulenta Ucrânia, entre os seus caudais imponentes, o Dniéster e o Dniéper, para citarmos os maiores apenas. E, nesses rios, põem sustos e perigos as lindas e tredas Russalcaas. Daí, o podermos brindar o leitor com o

CANTO DA FESTA DAS RUSSALCAS (2)

Uma mocinha corre, corre,
porém a apanha um russalca.
— Menina, escuta por favor:
só três enigmas vou propor.
Se és bem capaz de adivinhar,
já com teu pai irás voltar.
Se o teu saber não adivinha,
levar-te-ei, tu serás minha.

Que é que cresce sem raiz?
Que coisa corre sem ter rédeas?
Que é que floresce sem ter flôres?
— A pedra cresce sem raiz,
corre o regato sem ter rédeas,
floresce o feto sem dar flôres.

A jovem não adivinhou,
russalca, então, a carregou.

Como fatalidade humana, paga a poesia popular do povo da beira do mar Negro o indefectível tributo ao mote universal do amor, que é a mor-parte destes versos toscamente traduzidos por nós.

Vejamos a seguinte, que trata do madrigal cortado pela oposição do preconceito ou seja lá o que fôr de uma respeitável mãe e de que uma enamorada se queixa, lestimando a fuga do amado:

A ABANDONADA

É poeira do caminho, ó meu amigo,
ou geada da procela o que tu tens?
Por que é então que, na rua onde eu habito,
para mim tu não vens?

Por que é que não vens a mim,
sem ver da serra os perigos,
e assim me abandonas órfã
no meio dos inimigos?

Por que é que não me escutaste,
ó meu amigo, o dizer:
Vamos casar em segredo,
sem minha mãe o saber?

Obedecendo a tua mãe,
deixaste-me abandonada;
fiquei só nesta orfandade
e tu buscaste outra amada.

Estou adivinhando alguém a dizer: Ora! se o mundo inteiro é assim tão igualzinho, para que andar escrevendo sobre folclore ucraniano?! Isso pode acontecer ali no Brás, como na Vila Buarque, como em Maceió ou Araçatuba! E eu responderia: Isso mesmo! Você tem razão. Nós todos, do mundo universo, brasileiros, esquimós, russos, patagões, negros, bugres, arianos, nós todos somos igualzinhos. Não deixa, contudo, de ser curioso o ver como cada um de nós, por esta terra complicada, realiza local e pessoalmente essa igualdade diferente. E, uma vez que assim é, leia as quadras abaixo e aplique-as, se quiser, a qualquer sua conhecida da avenida Paulista:

CASAMENTO FORÇADO

Ora! menina que és noiva agora,
por que tu andas triste, tão triste?!
Quero ser leda, minh'alma chora,
pois não se esquece do amor que existe.

Ó de olhos negros linda menina,
tens dias tristes, noites sem calma!
— A luz duns olhos, que me fascina,
leva consigo meu ser, minh'alma.

Oh! que confusos teus pensamentos!
Qual amizade te traz vencida?
— Sei por quem chamam meus sentimentos...
mas querem outro na minha vida.

Não foi culpa nossa o haver tanta fala de amor nestas colunas, insossas pelo que vai de meu. No cancionero popular que tivemos à mão, as cantigas "de amigo" (como diriam os nossos antigos) dominavam tudo. As duas que em seguida apontam, conquanto versem o mesmo e absorvente motivo, podem situar-se melhor, brasileiramente falando, lá pelo pampa sulino, ou quiçá, pelos campos gerais do Norte. Aparece o cavalo, a montaria, indispensável companheiro dos nossos gaúchos e nossos cabras nortistas.

DESESPERO DE AMOR.

Não te cubras de flôres abundantes,
planta verde da estrada.
Meu coração se aperta e fica oprimido,
quando a noite é baixada.

Não se vê a casa dela,
mas somente a pereira em seu jardim.
É para esta que só voa minh'alma,
baixando a noite assim.

Avança, meu cavalo baio, avança,
por meio da noite escura,
para ver se a menina de olhos negros
com tua marcha se alcança.

Desce, ó meu cavalo baio,
desta montanha rochosa,
lá para o vale, onde mora
a de olhos negros formosa.

Caso a casares comigo
o teu querer não convide;
dá-me, ó ingrata, uma erva mágica
p'ra que, por ela, eu te olvide.

Da erva haurirei o suco
até o sobejo mais forte;
nem assim te esquecerei
enquanto não venha a morte.

No idílio de pião, que breve se vai ler, transparece toda a verdade simples da vida de vaqueiro e a "china" ou mestiça do pago ou da caatinga. Se não, vejamos:

O CASAMENTO DO COSSACO

Dum lado estava a montanha
e doutro a montanha estava.
E, dentre as rochas abruptas,
a aurora se levantava.

Ai! mas não, não era a aurora:
com as novas cantarinhas (3),
era sim a minha amada
buscando as fontes vizinhas.

"Dá, querida, ao meu cavalo
de beber a água albente
desse poço de bocal
no teu cântaro recente (4).

Oh! dize-me, minha amada,
por que ficaste solteira?
— "Companheiro não achei:
sou pobre trabalhadeira."

"E tu, meu caro cossaco,
por que não estás casado?"
— Cavalguei longe, nos campos,
e lá fiquei atrasado."

Então, minha bem-amada,
sobe em minha montaria:
espera-nos lá, nos campos,
minha cabana sombria.

Nem uma estaca em parreira
minha choupana já viu;
há um pobre arbusto, coitado,
que nunca, nunca floriu.

Por que, meu pé de salgueiro,
florido eu nunca te vi?
"— O inverno matou-me as flôres
e eu nunca mais reflori."

Para terminar, coadunando-se com o panorama de horror que neste momento catastrófico apresenta o velho berço da civilização russa, duplamente vítima, do comunismo e da guerra, admire-se a descrição simples e desataviada dum episódio da invasão tártara, quando os terríveis cavaleiros do Oriente talavam e assolavam os povos do mar Negro:

Lá, para além do rio, há fogaréus acesos:
são tártaros repartindo o fruto dos seus saques.
Eles atearam fogo em tôda a nossa aldeia
e todos nossos bens seu poder senhoreia.
A minha velha mãe já foi assassinada,
foi feita prisioneira a minha espôsa amada.
Lá pra baixo, no val, tambores vão soando
e segue para a morte um desgraçado bando.
Das vitimas volteia uma corda ao pescoço
e soam-lhe nos pés uma cadeias duras.
Só eu, com meus filhinhos,
vou seguindo as veredas escuras.

(1) O "grande dia de celebração da entrada da primavera, em tempos do paganismo; a Igreja aproveitou o costume pagão, mudando o motivo para Páscoa.

(2) Esta festa ucraniana, consagrada às ninfas das águas ou "russalki" e às almas dos afogados, ligou-se na era cristã com a de Pentecostes ou Espírito-Santo, de modo que sempre se celebrava dias antes ou depois da solenidade religiosa.

(3) As mulheres ucranianas vão tirar água na fonte em cântaros de madeira, que carregam com o auxilio duma estaca aos ombros.

(4) "Poço de bocal e cântaro novo" são símbolos da castidade.

Publicado na "Gazeta Magazine", a 31.8.1941.

X

P O E M A S

SONHOS DO IMPÉRIO DA MISSÃO

Eu sou o sebastianista
 que o passado futurou.
 É o futuro a minha pista...
 sebastianista que eu sou.
 Haverá realidades
 pra quem sonhos não sonhou?
 Do futuro são saudades
 as que o passado gerou.
 Raiz de fruto maduro,
 o meu passado é futuro.
 sebastianista que eu sou.

MISSÃO DA RAÇA

Ao Exmo. Sr. Dr. Manuel Anselmo

O meu sangue lusitano
 que o negro e o índio tisnaram
 tem sede de viajar.
 Sonha ventos e naufrágios,
 Adamastores, presságios,
 caminhos longos do Mar.

O espírito do infante Henrique
 conjugado ao de Gusmão
 encarnou-se dentro em mim.
 E as Asas me estão chamando,
 e os Vapores vão gritando
 com nervoso frenesim.

Senhora dos Navegantes!
 Tenho mesmo de partir
 como outrora de Belém?
 Tantos velhos do Restelo
 vão-se opondo ao forte apêlo,
 dizem que para meu bem!

Então, não irei às Índias?!
 Então, não irei a Angola?!
 Desonrarei os Avós?!
 Quando eu finde os dias meus
 e os vá encontrar nos Céus,
 que dirão de mim... de nós?

Ao Mar! sim. Negar não posso
 os deveres da avoenga
 que couberam ao Brasil.
 Irei aos reinos da aurora
 (gule-me Nossa Senhora!),
 percorrerei terras mil.

Os povos já têm saudade
 de ouvir esta mesma Língua
 que o Avô Luso lhes falou.
 Irei com as naus dos ares,
 perlustrarei todos mares
 que meu Avô me ensinou.

Pelos mares interiores,
 pelo oceano de verduras
 do invio mundo do Sertão
 andou meu primo Anhangüera,
 porquanto a missão severa
 exigia essa expansão.

Mas hoje (adiantada a obra)
 não há só rotas do Oeste,
 mas o mundo universal.
 Irei a oriente e ocidente,
 onde haja ou não haja gente,
 ao polo sul e ao boreal.

Nem desprezarei os mundos
 onde, junto à cópia de águas,
 mora a abundância do sol
 — essas fabulosas zonas
 que as míticas Amazonas
 dominaram como escol.

Irei sim! Irão comigo
 à máquina ou junto às velas
 sombras dos Nautas viris
 que deram mundos ao mundo
 e são o penhor fecundo
 das glórias do meu país.

Não praguejis não, calçaras,
 em Santos como em Restelo,
 praieros do Norte e o Sul!
 Está chamando-me o Oceano,
 sinto impulso sôbre-humano
 para o Mar e o Espaço azul.

Vou sim! Tudo me convida.
 Vêde: as próprias andorinhas
 competem com o albatroz.
 É o DESTINO BRASILEIRO!
 É o mandato sobranceiro
 legado pelos Avós!

Meu sangue nêo-lusitano
 que quatro seculos plasmaram
 tem missão de viajar.
 Busca aventuras e glórias,
 sonha bênçãos e vitórias
 nas vias longas do Mar!

Finis

Sanctissimae Trinitati Gloria!

Guarulhos, SP, Av. Esperança, 138.